



RIBEIRAS E GROTAS DA ILHA TERCEIRA

PAULO J. M. BARCELOS* & JOSÉ MARIA F. BOTELHO*

Grotas da Serra de Santa Bárbara, uma das quais desagua na Lagoinha. PHS

* ASSOCIAÇÃO
OS MONTANHEIROS

ESTE ARTIGO surge na sequência de um trabalho de campo que começou a ser desenvolvido há alguns anos, tendo os Montanheiros percorrido a ilha Terceira, conversando com pessoas credíveis e conhecedoras das suas freguesias. Só recentemente foi feita a pesquisa bibliográfica e retiradas muitas dúvidas que ainda subsistiam, mas, tudo é passível de segundas interpretações e o erro, seja qual for a sua origem, nunca pode ser completamente eliminado.

Pretende-se lembrar a importância histórica das linhas de água no desenvolvimento das populações e contribuir para um melhor conhecimento destes elementos da paisagem, nomeadamente quanto à sua toponímia e localização, mas também colocando algumas dúvidas e avançando algumas hipóteses.

Poderão alguns considerar como *residual* a influência do homem terceirense nas alterações que se tem vindo a registar no clima dos Açores, mas, a uma escala local, é importante lembrar que o seu *papel empreendedor* no passado contribuiu para alterar de forma perceptível o regime hidrológico da ilha, nomeadamente os fluxos hídricos.

A IMPORTÂNCIA HISTÓRICA DESTES MARCOS NA PAISAGEM

É conhecida a importância que as ribeiras tiveram no passado no desenvolvimento das populações rurais e urbanas. Nalguns locais da ilha, para os primeiros assentamentos que iam surgindo a escassez em água era uma realidade. As nascentes eram muitas vezes inexistente ou insuficientes para as necessidades e a abertura de poços era uma técnica difícil, morosa e incerta. Assim, em regiões com escassez de nascentes de água, os primeiros povoadores tendiam a estabelecer-se junto às margens das ribeiras nas imediações do local onde estas eram atravessadas, em particular daquelas que garantiam caudal durante mais tempo. Eram obrigados a recorrer às águas efémeras das ribeiras, que raramente corriam durante o Verão, para o consumo humano, para a atividade agrícola, para as lides domésticas ou como força motriz para as azenhas dos moinhos, como o demonstra a referência: “A sua fortuna consiste em ser cortada por 9 ribeiras, que só correm no tempo das chuvas, e lhe deixam vários depósitos d’aguas, de que se servem os habitantes e seus animais.”¹

Mas, nos primeiros séculos de povoamento as ribeiras representavam também obstáculos naturais de difícil transposição. Inicialmente era

1 ANDRADE, Jerónimo Emiliano de (1891) – *Topographia ou descrição phisica, política, civil, ecclesiastica, e historica da ilha Terceira dos Açores*, 2ª edição, p. 377.



A profunda vala aberta pela Ribeira de São Bento quando transbordou junto ao largo em julho de 1891.

a vau que se atravessavam as ribeiras, com as dificuldades que isso implicava. Talhavam-se as vertentes e criavam-se passagens para pessoas, animais e veículos, como o mostram as relheiras deixadas no leito das ribeiras. A esse respeito, em 1756, um morador justificava assim ao Bispo de Angra a necessidade de ter edificado uma ermida em local afastado da igreja paroquial: “[...] por causa das enchentes das ribeiras, não poder em muitas ocasiões passar para a igreja a satisfazer o preceito da missa”.²

Refira-se que em 1848 vinha num artigo de jornal que “há muitas ribeiras nas freguesias rurais desta ilha, que não tem pontes nem pontões e, sendo conveniente que se evite o perigo a que os povos e os viandantes se expõem, quando atravessando de um a outro ponto encontram as ribeiras caudalosas e correndo com grande ímpeto, por isso pedimos ao chefe do distrito se sirva recomendar às juntas de paróquia respetivas hajam de promover a feitura das pontes [...]”.³ Mais tarde construíram-se efetivamente pontes sobre praticamente todas as linhas de água que o justificavam, permitindo a continuação dos caminhos principais de forma nivelada, com conforto e segurança. Uma ribeira com caudal mais intenso deixava de ser um obstáculo à passagem, que se fazia agora sem constrangimentos.

Abundantes e bem marcadas no terreno, essas linhas de água facilmente identificáveis torna-

ram-se elementos ideais para definir limites nas *cartas de dadas* do século XV e para estabelecer as fronteiras administrativas das paróquias e concelhos. Em 1474, cerca de 25 anos após o início do povoamento, D. Beatriz promulga a divisão da ilha Terceira em duas capitânias usando como linha divisória, na parte sudeste, a Ribeira Seca. Posteriormente, a delimitação administrativa das novas paróquias que iam surgindo esteve sempre muito ligada às linhas de águas, de tal modo que hoje das 30 freguesias da ilha Terceira apenas em 5 não foi possível encontrar uma ribeira ou grota em parte do seu perímetro: Porto Martins, Feteira, São Mateus, Terra Chã e São Pedro.⁴

RIBEIRAS E GROTTAS

Ribeiras ou *Grotas* são depressões de maior ou menor profundidade que encontramos na superfície da ilha, que vão de pequenos sulcos a grandes ravinas.

Algumas grotas, que também foram batizadas por cabreiros e “homens do mato”, não foram criadas pela água, nem são capazes de transportar, pelo que não são aqui consideradas. São grotas originadas por acontecimentos geológicos como pequenas erupções ou movimentos de falha. Bons exemplos são as fendas (ou grotas) do Morro Assombrado, a Grota da Alfacinha, a Grota do Pico Agudo ou a Grota do Morro Alto que segue para as lagoinhas do Pico do Boi.

Quanto às outras, na sua grande maioria são depressões que foram escavadas pela passagem da água que escorre à superfície e que não consegue infiltrar-se no solo, ou na água que derrama das nascentes diretamente para o seu leito ou daquela que transborda de lagoas, charcos ou re-

2 MERELIM, Pedro de (1974) – *As 18 paróquias de Angra: Sumário histórico*, p. 217.

3 Jornal *O Angrense* de 16 de novembro de 1848.

4 Considerando também a levada da Ribeira dos Moinhos.

servatórios artificiais. Tem assim origem na erosão provocada pelo movimento das águas até cotas mais baixas, que vai desgastando os depósitos superficiais, menos consistentes, até atingir estratos rochosos. Terrenos com origem em grandes depósitos pomíticos, como no caso do flanco ocidental do vulcão de Santa Bárbara, apresentam habitualmente *Ribeiras* ou *Grotas* mais profundas e largas, de que é o exemplo mais expressivo a *Ribeira do Além*. Em sentido contrário, em terrenos pedregosos de “biscoito” ou “mistério” as *Ribeiras* ou *Grotas* acabam por ser inexistentes ou com pouca expressão. É exemplo disso os derrames lávicos do Porto Martins, Serretinha e Biscoitos, onde a maior parte da água se infiltra em profundidade nos “rotos” existentes.

Nas bacias hidrográficas o caudal engrossa à medida que as grotas (ou afluentes) se juntam umas às outras, formando ribeiras que desaparecem no Atlântico. Mas com terrenos e orografias tão específicas, nem todas as *Ribeiras* e *Grotas* da ilha correm para o mar, ao contrário do que se diz dos rios. É o caso das que abastecem (ou abasteciam) antigas lagoas e charcos temporários; daquelas em que hoje a água desaparece no próprio leito ao longo do seu percurso; das que foram interrompidas pela atividade agrícola do homem; das que foram desviadas para outras linhas de água, como foi a Ribeira do Pamplona; das que foram canalizadas, como as que corriam onde hoje se encontra a pista do Aeroporto da Lajes; ou das quatro Grotas do Juncalinho que foram interrompidas pela corrente de lava da erupção histórica de 1761.

Embora a relação direta entre a maior ou menor precipitação e o correr das ribeiras seja indiscutível, uma linha de água pode ser mais cavada ou transportar mais água do que outra em funções de vários fatores, seja por possuírem bacias hidrográfica maiores como no caso da *Ribeira da Ponte*, seja porque correm (ou corriam) todo o ano em virtude de nascentes que as alimentam, como no caso da *Grota do Venial*, *Ribeira da Aguvalva*, *Ribeira do Frei João* e outras.

Vemos hoje vales de ribeiras que custa a entender como terão sido escavados, pelo que qualquer interpretação histórico/geográfica das linhas de águas da Terceira deve ser feita com alguma cautela. As ribeiras que hoje temos não foram aquelas que os primeiros povoadores encontraram. Ao longo de 500 anos houve acontecimentos responsáveis por provocar uma mudança substancial, nomeadamente a arroteia da floresta natural com consequências na retenção das chuvas e interceção de nevoeiros; das mobilizações subseqüentes do solo que acabaram por promover as escorrências superficiais ao invés da contínua e lenta infiltração da água em profundidade; da captação e canalização das nascentes, que correm agora para dentro de tubos em vez de despejarem a sua água nas ribeiras; da interrup-



Estado em que ficou a baixa de Angra após a enxurrada de 1891 que transformou a Ladeira de São Francisco numa ribeira.

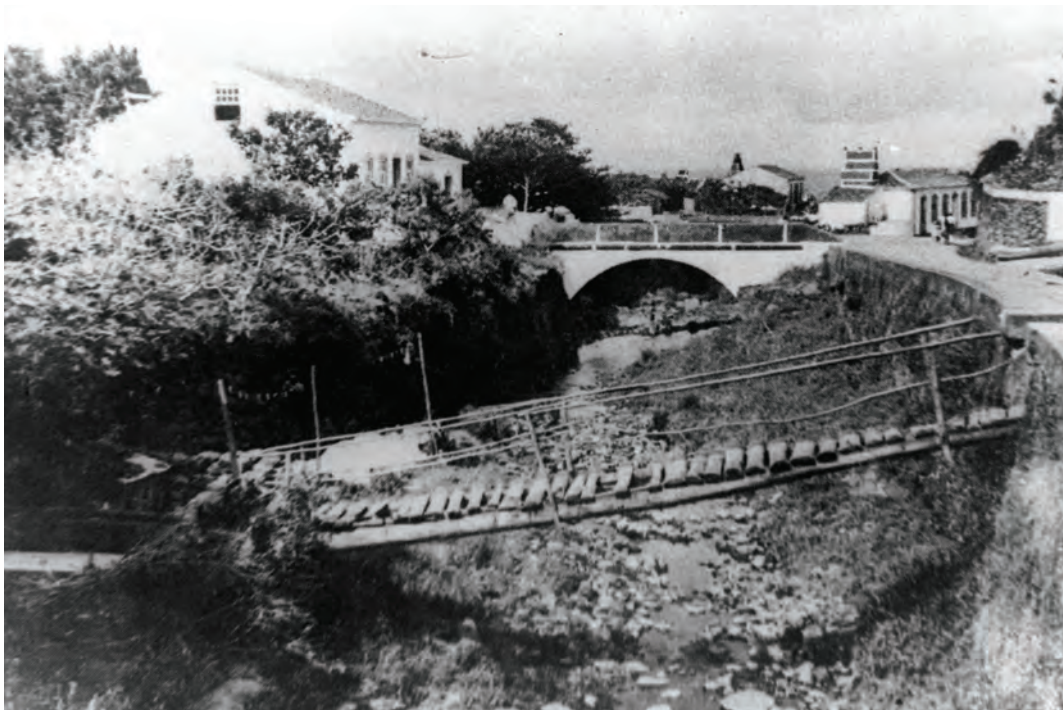
ção ou desvios propositados das linhas de água pelo homem; das escoadas lávicas históricas que criaram diques naturais que interromperam as linhas de água; ou da extração de pedra das ribeiras⁵ que criaram zonas de infiltração do fluxo da água. As alterações climáticas e a própria atividade sísmica tiveram também um papel a dizer nesta questão.

Progressivamente as ribeiras acentuaram o seu regime torrencial, correndo agora em períodos mais curtos e com maior violência, tornando-se por vezes responsável por grandes tragédias para as populações locais. Não podemos esquecer que, com o aparente “secar” de algumas grotas, o Homem aproveitou para sobre as mesmas construir caminhos de penetração necessários para o seu dia-a-dia, escondendo primitivas linhas de escorrência de água. Mas, ainda hoje, quando a água transborda a montante e procura novos caminhos acaba sempre por encontrar estes “velhos caminhos”, antecipando a desgraça.

AS ENCHENTES NA PERDA DE BENS E PESSOAS

Foram vários os momentos em que chuvas torrenciais, a que o povo vulgarmente chamava de *trombas de água* quando são muito localizadas, provocaram enchentes nas ribeiras fazendo-as transbordar, por vezes de forma muito localizada, apenas em determinadas partes da ilha, e com isso provocando estragos consideráveis e nal-

5 “A Madre D. Teresa do Carmo [...] desejava saber se as Armas para os 4 Membros da Comissão dos egressos, deviam ser pintadas [em madeira] ou feitas de pedra da Ribeira do Testo.” *Jornal O Angrense* de 19 de setembro de 1839; “A comissão gerente do Império da Caridade, do Corpo Santo, vai participar a edificação de um teatro de pedra no local onde se fazia dispensa, que era na esquina, em uma velha casa que já havia comprado em tempo. Ontem vieram 70 carros com cantaria da Ribeira do Testo, sendo a pedra e os carretos grátis.” *Jornal A União* de 23 de outubro de 1894; “Em face do custo proibitivo a que subira a extração e transporte da pedra – de uma só e boa qualidade e do tamanho pretendido – da Ribeira do Testo, destinada à construção, em 28 de Julho a edilidade decidiu que a mesma viesse das pedreiras do Cirurgião e da Serra, [...]” e “Que a obra seja feita por arrematação, e que toda a cantaria nela empregada exteriormente seja da ribeira chamada do Testo”. MERELIM, Pedro (2016). *Memória Histórica da Edificação dos Paços do Concelho de Angra do Heroísmo*, pp. 48 e 111.



Ribeira da Agualva. Terá sido numa ponte de madeira, talvez semelhante a esta, que se deu a tragédia em dezembro de 1962.

guns casos vítimas mortais. Alguns desses episódios mais calamitosos encontraram eco em relatos escritos ou permaneceram na memória das pessoas. Fica aqui um resumo de algumas das enxurradas mais significativas na história da ilha Terceira, registando-se em todas elas o extravasamento da água para fora do leito das ribeiras, não só pelo volume anormal de água, mas frequentemente devido à presença de obstáculos e constrangimentos nas passagens hidráulicas.

1588.02.26 Chuvas intensas fizeram correr muita água nas ribeiras, principalmente pela parte de São Bento, transbordando e reunindo-se as águas “em uma canada que fica por cima do Porto de Pipas” indo derrubar a muralha desse porto.⁶

1608.02.11 Pelas 21 horas do dia 11 começou um chuva muito intensa que durou até de manhã. As águas que desciam em direção à cidade de Angra juntaram-se, vindo parar na Grotta de Santa Luzia “em que se termina a largura da cidade”, extravasando e dividindo-se em **quatro partes**: a principal, desceu a rua da Miragaia e veio com tal fúria que levou diante de si muitas casas. Chegou à Rua do Rego e dividiu-se, descendo uma parte a Rua do Palácio e a outra a Rua do Marquês, descarregando ambas na Praça Velha que ficou cheia de detritos e imundícies. É referido que mor-

reram 19 pessoas afogadas nas ribeiras, quando tentavam acudir às suas mobílias e pertences.⁷

1753.09.11 Há uma referência, sem mais detalhes, a estragos causados pela Ribeira da Ponte nesta data, e noutra mais remonta.⁸

1761.09.29 Um grande temporal com ventos fortes, a que se seguiram chuvas torrenciais, resultaram em grandes enchentes nas ribeiras. A água inundou as terras e destruiu as sementeiras, enquanto muitas casas eram destruídas.⁹

1811.12.03/04 - Na noite de 3 para 4 levantou-se uma grande tempestade, com fortes ventos de sudoeste, chuva grossa e relâmpagos, arrancando muitas árvores, derrubando casas e paredes e causando estragos consideráveis por toda a ilha. As ribeiras transbordaram levando diante de si tudo o que encontravam, em particular nas freguesias de Vila Nova, Agualva, Serreta e Santa Bárbara, onde ocorreram gravíssimos prejuízos. Morreram algumas pessoas, levadas na corrente ou afogadas em suas casas e quintais para onde fugiram. Em particular na Agualva os estragos foram consideráveis: a Ribeira dos Moinhos extravasou acima da igreja, com uma força prodigiosa que não encontrou obstáculo que não conseguisse vencer, entulhando os caminhos, destruindo casas e afogando pessoas de um e outro sexo.¹⁰

1813.09.11 - Caiu nos baldios da serra de Santa Bárbara uma tromba de água que provocou grandes enchentes nas ribeiras do lado sul. Na freguesia de S. Bartolomeu a Ribeira da Ponte saltou, descendo a água pelo caminho dos regatos abaixo e entrando na igreja. O infortúnio atingiu também a freguesia de Santa Bárbara, com a Ribeira das Sete a causar desgraças na zona de Nossa Senhora da Ajuda. As enxurradas levaram consi-

6 MALDONADO, Manuel (1989) – *Fenix Angrence*, vol. I, p. 382.

7 MALDONADO, Manuel (1990) – *Fenix Angrence*, vol. II, p. 26-27 e jornal *O Angrense* de 13 de fevereiro de 1845.

8 ANDRADE, Jerónimo Emiliano de (1891) – *Topographia ou descrição phisica, política, civil, ecclesiastica, e historica da ilha Terceira dos Açores*, 2ª edição, pp. 454-455.

9 SAMPAIO, Alfredo da Silva (1904) – *Memória sobre a Ilha Terceira*, p. 584.

10 DRUMMOND, Francisco Ferreira (1981) – *Anais da ilha Terceira*, III vol., pp. 219-222.



Troço da Ribeira da Agualva artificializado após as obras executadas em consequência das enxurradas de 15 de dezembro de 2009. Foto de outubro 2011. FP

go casas, gado e arvoredos, sendo responsáveis pela morte de 17 pessoas, afogadas ou arrastadas pelas águas até ao mar. Foi sorte não ter sido durante a noite ou o número de vítimas teria sido certamente maior. Nos campos assolados pelas torrentes de água abriram-se profundas grotas e muitas terras lavradas junto ao mar ficaram entulhadas de pedras.¹¹

1875.08.18/19 - Da tarde do dia 18 até às 10 horas do dia 19 caiu em Angra e arredores uma chuva torrencial e continua que fez estragos consideráveis em casas, quintas, árvores e cultivos, com as ruas a transformarem-se em ribeiras caudalosas. Durante estes dias o trânsito na cidade esteve condicionado.¹²

1891.07.22/23 - Durante a noite ocorreram chuvas torrenciais acompanhadas de relâmpagos, que continuaram na manhã do dia seguinte, danificando as culturas agrícolas. Em vários locais da ilha as ribeiras engrossaram até transbordarem dos seus leitos. A água fez então dos caminhos ribeira, levando tudo à sua passagem. Arrancou a calçada e o macadame dos caminhos, cavou profundas valas arrastando e depositando esses entulhos noutros locais onde represaram as águas, formando-se grandes lagoas. Como consequência, para entrar nalgumas casas foi necessário estabelecer pontes de madeira. Aquedutos, encanamentos de água potável e de despejos, eram deixados a descoberto ou destruídos. Caíram pontes em S. Bento, Ribeirinha, Vila Nova e Agualva.

Na Ribeira de São Bento a enxurrada destruiu seis casas e tornou inabitáveis cerca de outras dez. Perderam-se muitos bens, grande quantidade de animais domésticos. Três pessoas morreram e muitas outras correram risco de vida. A cor-

rente de água de tão violenta e volumosa que era arrastou grandes pedregulhos pela ribeira abaixo. No Largo de São Bento a torrente de água rebenitou a abóbada que sustentava a estrada abrindo-se um grande fosso de 15 m de comprimento, 5 de largo e 6 de altura, ficando cortadas as comunicações de veículos e cavalos entre Angra e o litoral este da ilha. A maior parte das casas da cidade e alguns edifícios públicos ficaram inundados. Um moinho da zona do Outeiro ficou destruído e os outros muito arruinados. Muitas ruas ficaram completamente arruinadas. Na Ladeira de São Francisco a violência da corrente de água abriu grandes valas, escavando junto de algumas casas até aos alicerces e fazendo desabar uma grande extensão do muro que serve de suporte ao adro da Igreja de N. Sra. da Guia, o que contribuiu para que a Praça da Velha tenha ficado repleta de detritos. As Ruas da Miragaia e Duque de Palmela ficaram bastantes arruinadas no seu empedrado e ensaibramento, formando-se profundas valas. Mas foi a Rua do Marquês a que mais sofreu, não só em consequência da grande quantidade de água que correu pelo seu pavimento, mas também daquela que extravasou do seu aqueduto de despejo após deslocar as pedras que o cobriam e que faziam de passeio.¹³ Para não deixar esquecer esta catástrofe, come-

11 ANDRADE, Jerónimo Emiliano de (1891) – *Topographia ou descrição phisica, política, civil, ecclesiastica, e historica da ilha Terceira dos Açores*, 2ª edição, p. 454; DRUMMOND, Francisco Ferreira (1981) – *Anais da ilha Terceira*, III vol., pp. 233-234 e MERELIM, Pedro de (1974) – *As 18 paróquias de Angra: Sumário histórico*, p. 275.

12 Jornal *O Angrense* de 22 de agosto de 1875.

13 PINHEIRO, Joaquim José (1891) – *Memoria Descritiva da Horrorosa Catastrophe na Ilha Terceira dos Açores na noite de 22 para 23 de Julho de 1891*, p. 4.



A Ribeira Brava é uma linha de água que embeleza a zona de lazer dos Viveiros da Falca.

çou-se a realizar anualmente uma procissão, que seguia até à Ermida de S. Luís, mas que, entretanto, deixou de se fazer. Hoje é possível apreciar os *clichés* que alguns fotógrafos amadores tiraram nos locais onde a devastação foi maior e uma placa que recorda essa tragédia, colocada na primeira casa junto à rotunda do Salto reerguida após este evento com donativos de Sua Majestade o Rei.¹⁴

1896.11.24/26 Chuvas torrenciais que se prolongaram por muito tempo causaram grandes prejuízos nas freguesias das Doze Ribeiras e principalmente em Santa Bárbara, nomeadamente abrindo sulcos na estrada real com mais de 1 metro de profundidade, destruindo a Canada dos Ferreiros, a ponte nova e o aqueduto da Ribeira

do Manuel Vieira. A torrente de água arrastou terras cultivadas, animais, madeiras e paredes à sua frente.¹⁵

1900.12.20/21 Durante a noite caiu uma tromba de água, que afetou principalmente as Fontinhas, Casa da Ribeira e Fonte do Bastardo, derrubando casas, alpendres e pontes e deixando muitas estradas intransitáveis. A impetuosa corrente das águas arrastou também grande número de animais. Felizmente não houve mortos a lamentar, mas os prejuízos causados foram de muitas dezenas de contos de reis.¹⁶

1902.09.09 Choveu torrencialmente no dia 15 nalguns pontos da ilha. A força das águas arruinou a ponte das Cinco Ribeiras. A ponte de uma das ribeiras de Santa Bárbara abateu-se quando por ela passava um carro com passageiros, ficando alguns deles feridos.¹⁷

1904.12.06 Chuvas torrenciais causaram prejuízos na freguesias de S. Bartolomeu, com estragos acentuados no caminho dos Regatos, no caminho da Calçada, Escampadouro e Quebradas. Em Santa Bárbara a Rua Detrás ficou toda em mau estado, o caminho das Doze Ribeiras estragado numa extensão de 570 metros e a terceira ponte deste caminho ficou completamente arrasada.¹⁸

1926.09.26 Um temporal de fortes ventos acompanhado de muita chuva causou sérios prejuízos à agricultura e fez correr nos Biscoitos a Ribeira do Pamplona, que não corria já há 40 anos em virtude de modificações nos terrenos adjacentes terem cortado a linha de água que outrora a alimentava. As águas da grande chuvada forçando o desvio artificial entraram no antigo leito forman-

14 “No dia 23 teve lugar em S. Bento a procissão comemorativa da inundação de Vale de Linhares. Foi há três anos que se deu a catástrofe, produzida pela queda de uma tromba, que fez sair do seu leito a ribeira de S. Bento, transformou em ribeiras as ruas do Desterro, de S. Francisco e da Miragaia e inundou grandes tratos de terreno, destruindo duas pontes e causando importantes prejuízos à agricultura. D’esta aluvião houve três vítimas: José Corrêa, de 40 anos; Maria Corrêa, sua filha, de 16 anos e Jerónima Delfina, de mais de 80 anos.” Jornal *A União* de 30 de julho de 1894. Ver ainda os jornais *O Imparcial* de 26 de julho de 1891, *A Terceira* de 25 de julho de 1891, *A Evolução* de 24 de julho de 1891, *O Commercio* de 24 de julho de 1891 e o *Acórdão de Reunião Extraordinária da CMAH de 24 de julho de 1891*.

15 Jornais *O Imparcial* de 3 de dezembro de 1896 e *A Terceira* de 28 de novembro de 1896.

16 Jornais *O Angrense* de 29 de dezembro de 1900, *A Semana* de 13 de janeiro de 1901 e *O Imparcial* de 3 de janeiro de 1901.

17 Jornal *Primeiro de Maio* de 16 de setembro de 1902.

18 Jornal *O Dia* de 23 de dezembro de 1904.

19 Jornal *Vanguarda* de 30 de setembro de 1926.

do uma grande torrente que arrasou as edificações que nele existia, matando muitos animais.¹⁹

1962.12.08 Durante a manhã caiu uma tromba de água mais para o interior da ilha, desde as Cales nos Altares, até às Frechas na Aqualva. Nesta zona da ilha todas as grotas correram abundantemente e tornaram-se as ribeiras de tal modo caudalosas que galgaram as margens causando grandes prejuízos nas estradas e levando à sua frente hortas, pomares e outros terrenos. Seis pessoas que estavam num passadiço sobre a Ribeira da Aqualva faleceram quando a intensidade da água fez desmoronar os apoios deste passadiço.²⁰

1971.01.09 Chuvas fortes fizeram extravasar várias ribeiras e grotas, “fazendo de Angra, toda ela, uma ribeira”.²¹ Como era habitual, desde o Reguinho até ao Largo de São Bento a água saltou da ribeira em vários pontos e voltou a provocar estragos. Muitos moradores habituaram-se a fazer desta ribeira vazadouro e a construir o que não deviam no seu leito. O Largo de S. Bento transformou-se novamente em lago, entrando a água em casas e estabelecimentos, havendo necessidade de recorrer aos bombeiros e a uma força do B.I. 17 para proceder à respetiva limpeza e desobstrução. No Pico da Urze a água, que provavelmente terá saltado da grota, inundou o largo. A água da calha da Ribeira dos Moinhos terá transbordado, o que acontecia com alguma frequência, provocando inundações no Lameirinho. No Juncal também voltou a haver inundações devido à incapacidade de escoamento das águas pelos coletores do aeroporto.

1974.10.03 Na tarde do dia 2 de outubro caíram chuvas tão intensas na encosta nascente e norte da Serra do Cume que os populares resolveram chamar-lhe de *tromba-de-água*, não sendo certo se o foi de facto. Os estragos foram tão expressivos, principalmente na zona da Praia da Vitória, que este episódio permaneceu até aos nossos dias na memória de muitas pessoas.

O caudal das águas abriu sulcos de 4 a 5 metros na estrada do Pico Celeiro, e chegando à Casa da Ribeira, que foi o lugar mais atingido, levava já uma altura de 2 metros. Aqui as águas inundaram oito moradias, nomeadamente a casa do padre onde a água subiu 1.80 m, e demoliram outras duas. A água levou terras, paredes e enormes pedregulhos à sua frente. A água desceu também em catadupa pela Ladeira da Pena abaixo inundando algumas casas nas Fontinhas.

De lamentar uma vítima mortal que estando dentro da sua viatura foi arrastada pelas águas da Ribeira de Santo António, sendo o cadáver encontrado junto à Riviera. As estradas principais sofreram danos consideráveis e ficaram obstruídas com detritos, o que levou ao encerramento de muitas vias durante vários dias. A chuva que continuou a cair durante a noite agravou ainda



A Ribeira da Miragaia era alimentada pela Nascente do Milhafre no local da Pateira.

mais a situação, nomeadamente no aeroporto onde o destacamento americano teve de utilizar jipes para se poder movimentar na pista, completamente inundada, tendo os voos sido cancelados.²²

2009.12.15 Uma violenta enxurrada abateu-se sobre a costa norte da ilha Terceira. Chuvas prolongadas transformaram as ribeiras em agentes de destruição. Na Aqualva a água galgou as margens da ribeira, deixou as ruas cheias de lamas e detritos e arrastou tudo à sua passagem. A água inundou e causou prejuízos em cerca de três dezenas de moradias e fez com que muitas pessoas tenham passado a noite em casa de familiares. Lajes, Vila Nova, Quatro Ribeiras, Santa Cruz, Casa da Ribeira e Porto Martins foram outras das freguesias fortemente afetadas pelas chuvas.

OS NOMES DAS RIBEIRAS

Quem visita os Açores não deixa de estranhar a forma recorrente com que foi empregue a pala-

20 Jornal *A União* de 10 de dezembro de 1962.

21 Jornais *A União* de 11 de janeiro de 1971 e *Diário Insular* de 10 de janeiro de 1971.

22 Jornais *A União* de 4 e 8 de outubro de 1974.



Antigas relheiras criadas pelos carros de bois que cruzavam o leito da Ribeira das Sete, antes de haver pontes. FP

vra “ribeira” na toponímia e de ouvir, com alguma curiosidade, a população local falar em “*grotas*”, não fazendo na maioria das vezes ideia de que se trata de linhas de água geralmente de menor amplitude, caudal e extensão.²³

As ribeiras ganharam os seus nomes próprios por variadíssimas razões, algumas das quais são hoje bem difíceis de descortinar. Umas apresentavam uma determinada característica ou passavam perto de lugares já nomeados. Outras terão ido buscar o nome a determinadas pessoas que moravam nas imediações ou que tinham terras junto dessas ribeiras. Enquanto para outras podemos apenas imaginar, se a isso formos capazes, como no caso da *Ribeira do Mouro* ou *Grota da Chouriça*.

Mas, o mais curioso foi ter-se *numerado* as ribeiras de acordo com a sua posição geográfica, seguindo para ocidente a partir de Angra até à freguesia da Serreta, e incluir essa referência no nome que lhes era atribuído. Temos então a *Ribeira das Duas*, *Ribeira das Cinco*, *Ribeira das Seis*, *Ribeira das Sete*, *Ribeira das Oito*, *Ribeira das Nove*, *Ribeira das Dez*, *Ribeira das Onze*, *Ribeira das Doze* e *Ribeira das Catorze*. Em 1507 Valentim Fernandes refere que a própria ilha “Terceira” seria assim chamada em consequência da ordem em que foi descoberta, avançando-se para ocidente a partir de Santa Maria, algo que não cabe aqui discutir, mas não deixa de ser curioso junta-

rem-se ambos os factos para aceitar a explicação dada por Luís da Silva Ribeiro, que diz: “Partindo da Ribeira dos Moinhos, que atravessa a cidade, o povo conta para oeste o número de ribeiras...”²⁴ A *Ribeira dos Moinhos* (um desvio artificial da Grota do Venial, um dos afluentes da *Ribeira de S. Bento*), tornou-se na mais importante e influente de quantas linhas de água existiram na ilha. Mas certo é que numa análise rápida percebemos que esta **regra** mostra algumas imprecisões, quer se conte como sendo a primeira a *Ribeira dos Moinhos*, ou a linha de água seguinte, ou até mesmo a primeira linha de água fora da cidade, neste caso a seguir aos Portões de S. Pedro.

Essa numeração teve implicações no nome dos próprios povoamentos que se iam convertendo em freguesias, como é o caso das Cinco Ribeiras, Santa Bárbara das Nove Ribeiras (inicialmente assim chamada) ou Doze Ribeiras, mas também no nome de muitos lugares, que tomaram o denominação da ribeira que lhe estava mais próxima, aludindo também a isso Luís da Silva Ribeiro: “... serve de nome ao lugar onde a ribeira passa”.²⁵ Assim, é ainda hoje frequente uma pessoa dizer que mora nas “Cinco”, na “Ribeira das Seis”, “Às Oito” ou “Às Dez”, referenciando a ribeira que passa nas imediações da sua casa. Coisa estranha para um visitante ouvir, pois hoje não se admite a ninguém morar numa ribeira, embora haja relatos de tal coisa ter já acontecido nos Açores, no passado.

Porque surgiu a numeração das ribeiras, algo que é específico da Terceira e que não se encontra em nenhuma outra ilha dos Açores? Não sabemos, mas podemos supor.

Em redor do maciço da Serra de Santa Bárbara, o mais jovem e alto da ilha, surgiu uma rede hídrica vigorosa, de muitas e importantes linhas de água. O povoamento expandia-se para oeste, pelo lado sul, surgindo os primeiros assentamentos bastante afastados uns dos outros, numa altura em que as distâncias eram *relativas*. Para quem nunca tivesse ido em finais do séc. XV ou início de XVI a Santa Bárbara das Nove Ribeiras, um dos primordiais focos populacionais da época, sendo as ribeiras uma referência, talvez fosse prático receber como indicação: “Depois de transpores seis ribeiras chegas à paróquia de Santa Bárbara”. Não havia marcos quilométricos como hoje existem... porque não numerar esses *marcos naturais*? De facto, em documentos de *dadas* do primeiro século de povoamento, surgem esses lugares referenciados como Seis Ribeiras, Nove Ribeiras, Doze Ribeiras, Catorze Ribeiras, ou seja, com o epíteto identificativo antes da palavra *Ribeiras*, como quem de facto as está a contar. À medida que se contavam ribeiras assim teriam ficado conhecidas muitas destas pelo seu *número de ordem*, sendo desnecessário procurar-se outro nome mais elaborado, embora tal facto possa ter acontecido a algumas dessas ri-

23 Independentemente de correr ou não água, o povo chama, de forma generalizada, *grota* a pequenas depressões, a vales encaixados, a fendas originadas aquando do arrefecimento das lavas ou a falhas geológicas. Estas não têm necessariamente origem na erosão hídrica, pelo que não serão consideradas neste trabalho, embora seja possível em altura de grandes chuvadas conseguir-se ver água a escorrer nestas grotas.

24 RIBEIRO, Luís da Silva (1983) – *Obras - História*, vol. II, p. 115.

25 RIBEIRO, Luís da Silva (1983) – *Obras - História*, vol. II, p. 115.

beiras: não temos uma Ribeira da Uma (talvez fosse a Ribeira da Ponte), nem Ribeira das Três (talvez fosse a Ribeira do Mouro), Ribeira das Quatro (talvez fosse a atual Ribeira das Cinco e a verdadeira quinta ribeira fosse a Ribeira da Canada da Praia) ou Ribeira das Treze (que poderia ser a atual Ribeira Grande).

A grande maioria das *grotas*, mais afastadas dos povoamentos, não terão recebido nome ou então devido ao seu pouco uso terão, entretanto, sido esquecidos.

AS RIBEIRAS COMO SOBRENOME DE POVOADORES

Encontramos pelo menos dois casos na história da ilha em que determinadas figuras, ou por vontade própria ou por vontade do povo, começaram a ser chamados pelo nome da ribeira próxima às suas dadas de terras, vendo esse topónimo acrescido aos seus nomes como se de um sobrenome se tratasse. O primeiro caso é o de **Gonçalo Anes da Ribeira Seca** que terá vindo para a ilha Terceira com os primeiros povoadores, na companhia de Jácome de Bruges.²⁶ Segundo a tradição, o seu filho Gaspar Anes, que nasceu a bordo da embarcação que trazia seus pais, foi a primeira pessoa a ser batizada na ilha tomando depois as terras de seu pai. Como refere Maldonado: “Gonçalo Anes Machado chamado o da Ribeira seca, [...] onde o dito Gaspar Anes tomou sua data, e por tal deixou se apelidassem os seus descendentes, de cuja prerrogativa nenhum fez caso [...]”²⁷... e assim se perdeu o sobrenome. O segundo foi **Pedro Afonso da Areia**, que chega à ilha com seu pai Afonso Gonçalves de Antona Baldaia, fidalgo do Infante D. Henrique. Segundo os cronistas: “Pedro Afonso da Areia tomou sua data entre a Ribeira da Areia, que dela tomou o nome, e a dos Pães [...]”²⁸ Em 1541 é referido num testamento com vários herdeiros como “Pedro Afonso da Ribeira da Areia, escudeiro, casado com Maria Afonso”.²⁹

OS TOPÓNIMOS DAS FREGUESIAS

O nome de algumas ribeiras específicas, ou de um conjunto destas, acabou por se tornar no nome de lugares, curatos e paróquias. Analisando referências histórias e acrescentando alguma dedução, nalguns casos conseguimos avançar com uma teoria, mais ou menos consistente, para a origem dos topónimos.

QUATRO RIBEIRAS Refere Sampaio³⁰ que esta freguesia chama-se assim pelo facto de ser atravessada por 4 ribeiras: Ribeira do Urzal, Ribeira da Fonte do Almeida, Ribeira Grande e Ribeira Seca. Anteriores cronistas embora não discorram sobre tal questão, apressam-se a referir a presença das quatro ribeiras a passar pela freguesia: “É freguesia muito fresca de águas, por ter quatro ribeiras de água fresca e fria, das quais três continuamente correm”;³¹ “[...] pela abundância



Do leito da Ribeira da Ponte foi retirada muita pedra para construção. FP

cia de águas, porquanto ali se acham quatro ribeiras quase em todos os meses e tempos do ano correntes ao mar [...]”;³² “[...] e tem uma légua de comprimento, e uma baía, e quatro ribeiras de água fresca, que lhe deram o nome, e com elas moem três moinhos [...]”.³³ Hoje quem segue pela Estrada Regional encontra apenas três ribeiras uma vez que a *Ribeira do Urzal* e a *Ribeira da Fonte do Almeida* se juntam a montante prosseguindo para jusante com o nome de Ribeira Grande. É, no entanto, preciso ter em conta que as pontes, que hoje suportam esta estrada e permitem ultrapassar estes profundos vales, surgiram tardiamente ao povoamento deste lugar. Antes, as pessoas passavam as ribeiras a vau, tendo de chegar ao leito da ribeira com os seus carros de bois e animais. Isso obrigava certamente a que os caminhos passassem por terrenos a cotas mais elevadas, onde os vales de ribeira eram menos pronunciados. Talvez um caminho antigo, entretanto desaparecido, cruzasse a montante todas as quatro ribeiras.

RIBEIRA SECA O nome do lugar da Ribeira Seca advém do facto deste povoado se ter instalado junto à margem de uma ribeira com o mesmo nome que acompanha o caminho principal deste curato. Esta é uma das primeiras ribeiras que en-

26 CHAGAS, Diogo das (1989) – *Espelho cristalino em Jardim de Várias Flores*, p. 329.

27 MALDONADO, Manuel (1990) – *Fenix Angrence*, vol. II, p. 17.

28 MALDONADO, Manuel (1999) – *Fenix Angrence*, vol. III, p. 53.

29 GREGÓRIO, Rute Dias (2007) – *Terra e Fortuna: os primórdios da humanização da Ilha Terceira (1450?-1550)*, Centro de História de Além-Mar, p. 46.

30 SAMPAIO, Alfredo da Silva (1904) – *Memória sobre a Ilha Terceira*, p. 299.

31 FRUTUOSO, Gaspar (2005) – *Saudades da Terra*, vol. VI, p. 17.

32 MALDONADO, Manuel (1989) – *Fenix Angrence*, vol. I, pp. 79-80.

33 CORDEIRO, António (1717) – *História Insulana das Ilhas a Portugal Sugeytas no Oceano Occidental*, p. 254.



Grota do Negrão, a mais profunda da ilha Terceira

contramos referidas em documentação escrita. A carta régia de 6 de março de 1503 pela qual El-Rei D. Manuel concede os foros de vila a São Sebastião, quanto aos seus limites geográficos refere: “E lhe damos por termo da parte do levante pela Ribeira Seca assim como parte as capitánias até outra banda do norte.”³⁴

CASA DA RIBEIRA Uma remota tradição atribui o topónimo de “Casa da Ribeira” a uma casa que existia junto da *Ribeira das Beiras* que passa pelo centro deste povoado e que abastecia o lugar com as suas nascentes.³⁵ Em documentação antiga são referidas umas “[...] casas sobradadas ao pé da ladeira e serra da Casa da Ribeira”³⁶ que terão pertencido à terça de Lançarote Gonçalves Duraço de Barros, que veio da ilha da Madeira para a Terceira por volta de 1500. Era ele dono e senhor das terras deste lugar onde estabeleceu morada, e que depois passaram a seu filho João Gonçalves Duraço de Barros. Talvez o nome tenha advindo, de facto, dessa casa “nobre” construída em local de destaque junto dessa ribeira, que alguns querem enxergar em ruínas que vão encontrando por lá, algo bastante improvável.

RIBEIRINHA O nome desta freguesia advém-lhe do modesta ribeira que acompanha o caminho

principal, como fica claro nas palavras de Diogo das Chagas: “Adiante hum pedaço, indo para a Vila de São Sebastião, ao passar de uma grota que vem de uma serra descoberta, que a terra ali faz abaixo um pouco em um vale plano, fica a Igreja do Apostolo São Pedro, na freguesia que se chama da Ribeirinha, a respeito de uma pela qual pouca água corre, da qual bebe o lugar, que fica em meia grota [...]”.³⁷ Esta linha de água é abastecida por uma pequena nascente que brota na serra, num lugar a que o povo deu o nome de *A Fonte*. Tendo a água sido muito requisitada pela população no passado, pouco dela terá corrido livremente pelo leito da ribeira.

REGUINHO É referido que este lugar passou a ser assim chamado em virtude da *Ribeira de São Bento* estar aqui transformada num pequeno curso ou rego de água. Por outro lado, havia aqui uma fonte, conhecida por Fonte do Reguinho, que abastecia a freguesia, mas que antes de ser canalizada provavelmente correria num *reguinho* até à própria ribeira. O nome passou também à enorme Quinta do Reguinho, do Visconde de Bruges, com suas casas altas e nobres, com lojas, capelas, jardim, água potável, casa de quinteiro, pátio e touril, pomar, grandes matas, terras lavradas, criações e pastagens, onde se incluía as Achadas.

DOZE RIBEIRAS O nome primitivo que vem nos assentos de batismo desde o início referem a *Paróquia de São Jorge do lugar das Doze Ribeiras*. Porquê “lugar das Doze Ribeiras”? Diogo das Chagas parece muito seguro na sua justificação sem no entanto justificar o que quer que seja: “[...] aonde se dizem as 12 ribeiras, não porque este-

34 *Livro das Ilhas* (1987), pp. 225-227.

35 Na segunda metade de 1500 a água destas nascentes foi canalizada para a Praia da Vitória onde abastecia 6 chafarizes, sendo a primeira que aí chegou deste modo, abastecendo-se antes as pessoas com os poços e cisternas.

36 CHAGAS, Diogo das (1989) – *Espelho cristalino em Jardim de Várias Flores*, p. 392.

37 CHAGAS, Diogo das (1989) – *Espelho cristalino em Jardim de Várias Flores*, p. 229.

jam ali 12 ribeiras juntamente, mas porque daquela para a cidade ficam 11 e por esta ser a duodécima se diz as 12 ribeiras [...]”³⁸ e Drummond também não é muito preciso quando diz que a Ribeira das Doze era “a última e bem caudalosa das 12 ribeiras que por esta parte da ilha se contam até à cidade.”³⁹

Uma vez que, para lá da Ribeira das Doze existem ainda outras duas dentro dos limites da freguesia, só se compreende ter sido considerada esta a “última ribeira” se atendermos a questões históricas, nomeadamente o facto de algumas das primeiras terras *dadas* em sesmarias a povoadores de primeira vaga para lá desta ribeira, não terem sido arroteadas no prazo obrigatório dos cinco anos,⁴⁰ o que leva a supor a falta de braços ou que a caudalosa Ribeira das Doze fosse um obstáculo à passagem de pessoas, animais e veículos.

A segunda questão é tentar perceber porque se tornou esta na ribeira mais importante de entre todas as outras, ao ponto de ter dado o nome à paróquia. Hoje a igreja paroquial e o largo principal, que formam tradicionalmente o *epicentro* social da freguesia, estão bem mais próximos da Ribeira das Onze. No entanto pode não ter sido sempre assim.⁴¹ É possível que o assentamento dos primeiros povoadores tenha ocorrido de facto junto da Ribeira das Doze, referindo Drummond que aqui “está reunida a maior povoação, ao longo da estrada [...] e neste agradável local se acha colocada a igreja paroquial, orago do invicto São Jorge, a qual era uma pequena capela instituída pelos anos de 1526 em cabeça de morgado, por Afonso Lourenço [...]”,⁴² talvez mais próxima da Ribeira das Doze que a atual igreja, não esquecendo a maior atratividade desta ribeira por ser de maior caudal.

CINCO RIBEIRAS Encontramos cartas de *dadas* de 1489 e 1497 que referem: “[...] uma terra assim como vai entre as pernadas que se faz nas cinco ribeiras partindo da banda do levante pelas ditas cinco ribeiras com Diogo Caldeira e Fernão Pires, seu pai, e da banda do ponente pela outra ribeira [...]”.⁴³ Repare-se que aqui a Ribeira da Praia é referida apenas como “pela outra ribeira”, sem lhe ser atribuída qualquer nome, o que talvez denote uma importância menor. Somos levados a acreditar que terá sido em torno da *Ribeira das Cinco* que o primeiro povoado se desenvolveu, talvez por haver maior disponibilidade ou melhores terras neste local, pelo facto desta ser a ribeira que melhores condições apresentava para esta nova povoação, ou por ser o local onde terminava as Canadinhas, caminho que ligava à Terra Chã e a Angra passando pela Cruz dos Regatos onde primitivamente se terá desenvolvido o núcleo populacional de S. Bartolomeu.

Por provisão do Bispo de Angra, a 13 de junho de 1861, após solicitação dos “habitantes do lugar das Cinco Ribeiras”,⁴⁴ este foi erigido

em curato e cerca de 18 anos depois em paróquia. Terá sido provavelmente por essa razão, por ter ido buscar o nome ao **lugar mais povoado** que “Cinco Ribeiras” acabou fazendo parte da denominação oficial da freguesia de “Nossa Senhora do Pilar das Cinco Ribeiras”, por Decreto nº 30214 de 22 de dezembro de 1939, embora já antes fosse assim chamada. Pelo Decreto Legislativo Regional n.º 15/90/A, de 7 de agosto foi alterada a denominação para apenas “Cinco Ribeiras”.

Hoje entramos na freguesia das Cinco Ribeiras quando chegamos ao lugar da Cruz, onde a estrada regional bifurca. Mas é lógico e provável que no passado fosse a Ribeira das Duas o limite da freguesia como o afirmava Sampaio em 1904: “[...] junta a esta freguesia passa a das Duas Ribeiras, que a separa de S. Bartolomeu [...]”⁴⁵ e quando a S. Bartolomeu se refere volta a repetir a mesmo: “É atravessada por duas ribeiras: uma, denominada Ribeira da Ponte, e a outra, Duas Ribeiras, que a separa da freguesia antecedente”.⁴⁶

SANTA BÁRBARA DAS NOVE RIBEIRAS Ao contrário da *Freguesia das Doze Ribeiras* e da *Freguesia das Cinco Ribeiras*, cujos nomes parecem ter advindo dos primitivos núcleos populacionais, o epíteto de “Nove Ribeiras” terá certamente outra origem, porque não se vê indícios de ter surgido um povoado de maior importância ou dimensão junto à Ribeira das Nove, que fica a um quilómetro de distância da igreja paroquial e com outras duas ribeiras de entremeio.

Já em 1486 eram referidos moradores no lugar das Nove Ribeiras, mercê das cartas de *dadas* que começaram a ser passadas no século

38 CHAGAS, Diogo das (1989) – *Espelho cristalino em Jardim de Várias Flores*, pp. 239-240.

39 DRUMMOND, Francisco Ferreira, (1990) – *Apontamentos Topográficos, Políticos, Cívicos e Eclesiásticos para a História das Nove Ilhas dos Açores Servindo de Suplemento aos Anais da Ilha Terceira*, pp. 298-299.

40 Às terras que tinham sido alvo de *dadas* impunha-se que fossem tornadas produtivas no prazo máximo de 5 anos, levando à fixação das primeiras famílias próximo das mesmas. GREGÓRIO, Rute Dias (2007) – *Terra e Fortuna: os primórdios da humanização da Ilha Terceira (1450?-1550)*, Centro de História de Além-Mar, p. 125.

41 Mas ainda que fosse, é preciso atender que na história desta ilha há registo de vários templos que foram construídos um pouco afastados dos povoados que se iam desenvolvendo, como é o caso da Igreja Velha de São Mateus ou da Igreja da Vila Nova.

42 DRUMMOND, Francisco Ferreira, (1990) – *Apontamentos Topográficos, Políticos, Cívicos e Eclesiásticos para a História das Nove Ilhas dos Açores Servindo de Suplemento aos Anais da Ilha Terceira*, pp. 298-299.

43 FORJAZ, Jorge (1983) – *Cartas de “Dadas” do século XV na Ilha Terceira*, BIHIT n. 41, pp. 830-831. Por este e outros escritos da época se percebe que “cinco ribeiras” era uma referência à “Ribeira das Cinco”. Vemos o mesmo princípio em referências como “catorze ribeiras”, “seis ribeiras” e “duas ribeiras”.

44 ANDRADE, Jerónimo Emiliano de (1891) – *Topographia ou descrição phisica, política, civil, ecclesiastica, e historica da Ilha Terceira dos Açores*, 2ª edição, p. 439.

45 SAMPAIO, Alfredo da Silva (1904) – *Memória sobre a Ilha Terceira*, p. 314.

46 SAMPAIO, Alfredo da Silva (1904) – *Memória sobre a Ilha Terceira*, p. 315.



Grota do Venial, abastecida com águas das fontes da Nasce-Água, que foi desviada para a Ribeira dos Moinhos.

XV. Santa Bárbara tornou-se assim no principal núcleo do povoamento no sudoeste da ilha e a primeira paróquia ali constituída, segundo alguns em data anterior a 1486.⁴⁷ As cartas conhecidas vão referindo os terrenos, confrontando-os habitualmente com as linhas de água, em lugares como as *Cinco Ribeiras*, *Seis Ribeiras* ou *Nove Ribeiras*. Pelo ano de 1545 era já “Santa Bárbara das Nove Ribeiras”, como atestam os livros de assentos de batismos, estendendo-se esta imensa paróquia da Cruz das Duas Ribeiras até ao bicoito da Serreta, havendo ainda dúvidas quanto à inclusão do lugar de S. Bartolomeu. Certo é que dentro dos seus limites se contavam mais do que 9 ribeiras.

Qual terá sido então a razão para “Santa Bárbara das Nove Ribeiras”? Querem alguns encontrar a justificação nas palavras de Jerónimo Emiliano de Andrade: “A sua fortuna consiste em ser cortada por 9 ribeiras” acrescentando: “estas nove ribeiras são a do Mouro, a das Cinco, a da Canada do Hospital, a de Manuel Vieira, a das Seis, a das Sete, a das Oito, a das Nove, e a das Dez.”⁴⁸ Embora pareça ser uma hipótese bastante razoável, e não consigamos encontrar outra, também não podemos deixar de considerar os factos que acabámos de mencionar e que aparentemente contradizem a opinião de Jerónimo Emiliano de Andrade.

LINHAS DE ÁGUA DA ILHA TERCEIRA

São dezenas as linhas de água na ilha Terceira, praticamente todas de regime torrencial, dependentes das escorrências superficiais após períodos de chuva mais intensa, embora algumas no passado se mantivessem a correr durante longos pe-

ríodos devido à água que recebiam de nascentes.

Nesta listagem indicamos quais as freguesias por onde passam as ribeiras e grotas, e tentamos apresentá-las com uma certa ordem geográfica, começando em Angra e seguindo para ocidente até completar a volta à ilha. O delineamento dessas linhas de água no mapa tem por base o levantamento apresentado pelo Instituto Geográfico do Exército na sua carta 1:25.000 da ilha Terceira, mas por várias razões não é uma reprodução fiel, nomeadamente porque foram feitos reajustes à realidade atual. Apesar de apresentarmos todas aquelas pequenas grotas de que conhecemos o nome, por mais insignificantes que sejam, muitos afluentes das cartas do IGE viram o seu traçado “encurtado”, começando apenas a partir dos locais onde ganham hoje alguma expressão.

Incluímos também ribeiras que já não existem como tal, mas que tiveram importância histórica e que hoje foram desviadas ou canalizadas, tendo-se recorrido a diversas fontes para tentar traçar o seu percurso primitivo. Ao longo dos tempos, à medida que se alteravam os fluxos hidrológicos, os leitos rochosos criados pelas linhas de água eram usados muitas vezes como uma via de acesso “natural”. Com as obras hidráulicas que se foram fazendo, nomeadamente desviando ou canalizando subterraneamente as águas, foi possível “secar” essas grotas e estabelecer sobre os seus leitos rochosos caminhos de circulação, permitindo urbanizar e expandir. Sob muitos dos caminhos de Angra corriam as águas que hoje, quando esporadicamente ocorrem grandes enxurradas, encontram o seu caminho sobre os pavimentos causando enormes estragos e inundações. Também por isso, as ribeiras dentro da zona urbana da cidade de Angra do Heroísmo encontram aqui um maior desenvolvimento, devido às muitas alterações que sofreram.

1. RIBEIRA DA MIRAGAIA

A *Ribeira da Miragaia* desapareceu engolida pela expansão da cidade. Alguns relatos históricos e a orografia dos terrenos, apesar de um pouco alterada em relação ao que era primitivamente, permitem identificar as linhas de água principais que escorriam até à baixa de Angra, que faziam da Praça Velha um charco, indo desaguar onde hoje está o cais da Alfândega. De referir que nenhuma destas linhas de água tem qualquer ligação com a denominada Ribeira dos Moinhos.

A *Ribeira da Miragaia* reunia duas linhas de água principais. A primeira nascia na parte oriental do Pico do Espigão, conduzia as águas da chuva pela depressão onde hoje está a Canada do Breado, depois pelo vale que se encontra abaixo da central hídrica de São João de Deus, até chegar à Miragaia. A segunda provinha de afluentes na zona da Pateira, junto ao Pico da Fonte e Canada do Mato, e conduzia não só águas da chuva, mas também a das nascentes da Pateira. Corriam pelo

47 SAMPAIO, Alfredo da Silva (1904) – *Memória sobre a Ilha Terceira*, p. 309.

48 ANDRADE, Jerónimo Emiliano de (1891) – *Topographia ou descrição phisica, política, civil, ecclesiastica, e historica da ilha Terceira dos Açores*, 2ª edição, p. 377, nota 2.

chão do caminho chamado de Cano Real⁴⁹ até ao Terreiro de S. João de Deus, seguindo depois pela Rua Frei João Estácio (Caminho Fundo) até à Rua da Pereira. Chegando aqui, é provável que antes do povoamento as águas continuassem descendo pelo vale delimitado a oriente pela escarpa de falha da Memória, diretamente para os terrenos onde hoje está o jardim público de Angra (jardim de baixo). Mais tarde essa água terá sido desviada pela Rua da Pereira abaixo, até chegar ao cimo da Miragaia.

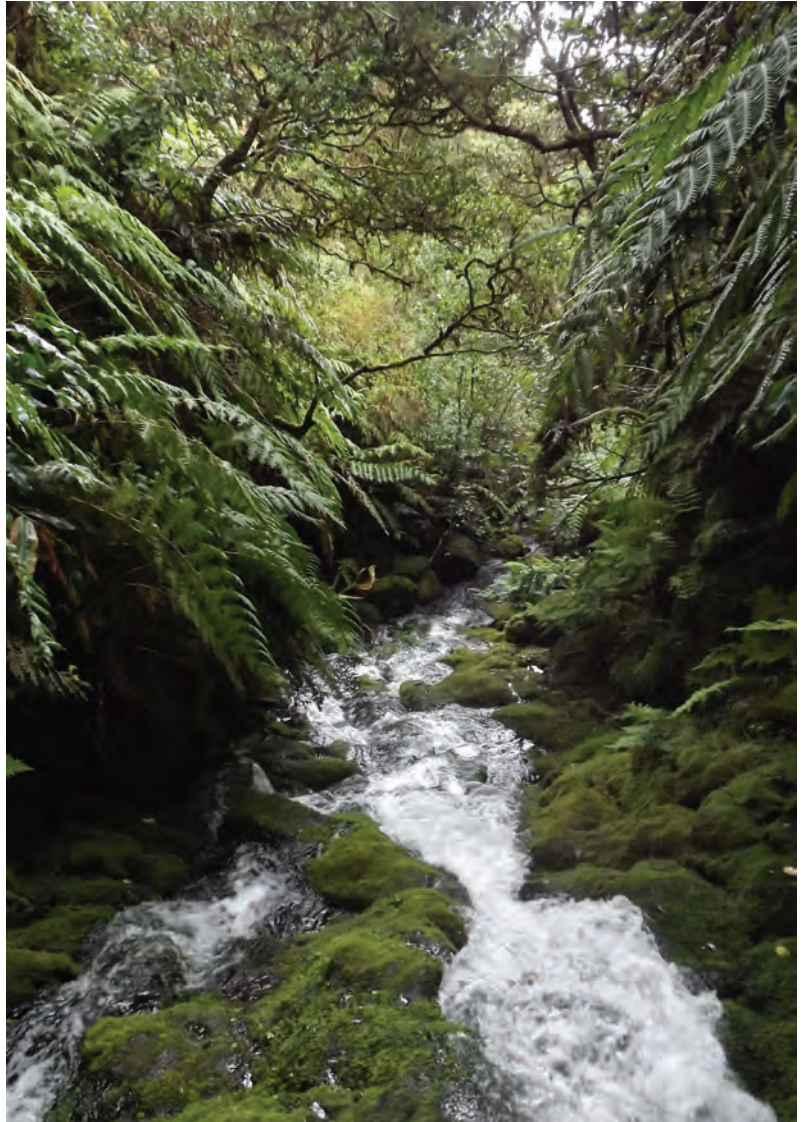
Reunidas aqui essas duas linhas de água, desciam como Ribeira da Miragaia, passando pela Rua do Marquês até chegar à Praça Velha onde se juntava ainda a *Grota do Desterro*. Esta grota nascia nos terrenos abaixo da Ponta do Muro, sensivelmente onde hoje está o vale que alberga o Bairro Social do Lameirinho, descia o Desterro e por fim a Ladeira de S. Francisco. Elucidativas fotografias, de um passado não muito distante, mostram estragos causados nessas vias pelo volume e velocidade que a água atingia, frequentemente arrastando e depositando detritos na Praça Velha.

No processo de construção da cidade, para maior higiene e salubridade da praça principal, tornou-se necessário acondicionar subterraneamente essas águas que embarçavam a baixa de Angra. Em 1850 deu-se início a um “magnífico aqueduto na rua da Miragaia, desta cidade, para conduzir àquele que existe na Rua do Marquês as águas que constantemente ali correm, e que em dias mais chuvosos chegam a inundar grande parte daquela rua”⁵⁰ mas, como é sabido, muitas vezes a água é demasiada e acaba por reencontrar caminhos antigos, como no caso das enxurradas de 22/23 de julho de 1891, já referidas anteriormente.

2. GROTA DE SANTA LUZIA

A oeste do Espigão começavam-se a reunir as águas que desciam a Ladeira Branca em direção ao Chafariz Velho, onde começava a chamada *Grota de Santa Luzia*. Esta grota encosta ao muro dos terrenos da Igreja, segue pelo bairro antigo de Santa Luzia para poente separando os quintais das casas a norte na Rua de Cima de Santa Luzia com os quintais das casas a sul da Rua do Conde da Praia. Infletia para sul junto da Rua da Madre de Deus em direção ao início da Av. TCor José Agostinho e por aí seguia até à baía do Fanal.

Esta grota existia provavelmente aquando do povoamento, pois não encontramos indicação de ser uma obra totalmente artificial, do tipo “levada”. Mas, à medida que Sta. Luzia foi sendo urbanizada sofreu certamente pequenos ajustes no seu traçado e conformação. Hoje não resta muito que possa ser observado, porque perdeu a sua função primordial. As águas que aqui corriam seguem agora nas condutas das redes de saneamento, permitindo o crescimento de vegetação infestante ao longo do seu percurso.



Início da Ribeira dos Gatos, um típico troço de montanha. FP

A mais antiga e inequívoca referência que encontramos sobre esta levada é de 1798, em que o “Rev. Pe. José Maria das Dores, desta cidade, de uma parte da grota que vai de Sta. Luzia sair ao pé das Covas com boca aberta na travessa da Madre de Deus [...]” pagava à CMAH um foro de 200 reis, sendo para nós inédito um foro incidir sobre uma grota. No século seguinte, com o início da imprensa, é possível descobrir outras referências em jornais locais, como: “[...] casa baixa de habitação, com seu quintal e chafariz d’água corrente, situado na rua da Madre de Deus, freguesia de Santa Luzia, número vinte cinco de polícia [...] confronta norte e poente com grota de Santa Lu-

49 O perfil deste caminho foi, entretanto, alterado e as escorrências de água, sensivelmente a meio, estão hoje desviadas na direção da antiga Grota do Venial. Parte da água das nascentes do lugar da Pateira, a mais conhecida das quais será a Nascente do Milhafre, foi captada, entubada e conduzida neste mesmo trajeto, num sistema de canalização que ficou conhecido como Cano Real. Chegando ao Terreiro de S. João de Deus a água atravessava um curioso aqueduto, que ainda hoje se mantém de pé, e ia abastecer toda a cidade.

50 Jornal *O Angrense* de 5 de setembro de 1850.



No alto da Serra de Santa Bárbara a Ribeira do Além foi utilizada para passar tubos de abastecimento de água.

zia [...]”,⁵¹ ou então quando são referidas intervenções para garantir uma melhor fluidez da água: “Haverá dois anos a exma. Câmara mandou fazer um encanamento no largo do Chafariz Velho para receber as muitas águas que vem da Ladeira Branca e conduzi-las à grotta denominada de Santa Luzia, evitando assim que aquele largo se tornasse um pântano como então acontecia. Já se vê a utilidade deste melhoramento e a despesa que ali se faria, despesa aliás muito justa porque as casas da Rua de Cima de Santa Luzia sofriam inundações por não haver aquele encanamento, e os entulhos obstruíam a indicada grotta e causavam bastantes prejuízos àqueles moradores”.⁵²

Gaspar Frutuoso fala no século XVI numa “[...] ribeira do Telhal, que corre pela parte do oriente, perto da freguesia da Conceição [...]”.⁵³ No século seguinte Diogo das Chagas refere: “O maior e mais rigoroso castigo, que teve a Ilha Ter-

ceira depois de povoada, e que se teve por mandado de Deus... foi a peste geral, que nela durou todo o ano de 1599; e foi tão rigorosa, que chegaram a estar feridos juntamente na Casa de Saúde (que pera esse efeito se fez fora da Cidade, aonde se diz o Telhal) passante de mil pessoas.”⁵⁴ Sabe-se que esta Casa de Saúde foi instalada nas imediações do local onde hoje está a Ermida de Nossa Senhora do Livramento, na Rua de Santo António dos Capuchos. Deduzimos então que esta *Ribeira do Telhal* deveria ser um braço da Ribeira de São Bento.

3. RIBEIRA DO PICO DA URZE (POSTO SANTO / SÃO PEDRO)

Nasce no Pico do Espigão, começando por descer um vale onde é chamada de *Grotta do Espigão Velho*, chegando ao lugar da rotunda das Figueiras Pretas. A partir daí desceria primitivamente por um leito sobre o qual foi construída a Rua Capitão João de Ávila (por onde corre hoje subterraneamente) passando pelo local dos Portões de São Pedro, pelo lado oriental do Terceira Mar Hotel e indo desaguar logo depois num local outrora chamado de Canto da Rolama, na Baía do Fanal. É também conhecida por *Grotta do Pico da Urze* ou *Grotta das Figueiras Pretas*.

4. RIBEIRA DO POSTO SANTO (POSTO SANTO / SÃO PEDRO)

Um dos seus braços nasce na encosta sul da Serra do Morião, nos Piquinhos, com o nome de *Grotta dos Tabuleiros (4a)* recebendo água da *Grotta do Moçambique (4b)*. Desce depois pelo vale onde se encontram as nascentes da Fonte da Telha até se aproximar da Canada de Santo António, que acompanha até à igreja do Posto Santo e depois pela Canada do Talhinha. No passado este braço deveria continuar para sul ligando-se à *Grotta do Medo*, mas hoje essa ligação é impercetível, e foi a água desviada por uma calha para uns terrenos pertencentes a uma família conhecida por *Batatal*.

O outro braço tem o nome de *Grotta do Medo (4c)* e cruza o cimo da Ladeira da Pateira em direção ao lugar do Espigão. É possível que esta grotta tenha o seu nome devido a alguma enxurrada que no passado tenha causado destruição e temor aos moradores vizinhos.

Em jornais do século XIX é chamada também por *Ribeira da Silveira*, por passar por este lugar antes de desaguar na Baía das Areias Brancas.

5. RIBEIRA DA PONTE (SÃO BARTOLOMEU)

Nasce nas Lombas da Serra de Santa Bárbara, recebendo como afluentes as denominadas *Grotas da Fajã* (da Madeira) **(5a)** e a *Grotta da Cova dos Reguinhos (5b)*. Com o nome de *Ribeira Brava (5c)* passa junto à Lagoa das Patas e atravessa a Reserva Florestal de Recreio dos Viveiros da Falca. Mais abaixo foi chamada de *Ribeira do Es-*

51 Jornal *A União* de 29 de maio de 1894.

52 Jornal *O Angrense* de 5 de outubro de 1865.

53 FRUTUOSO, Gaspar (2005) – *Saudades da Terra*, vol. VI, p. 14.

54 CHAGAS, Diogo das (1989) – *Espelho cristalino em Jardim de Várias Flores*, p. 275.

campadouro, por passar nesse lugar. Antes de chegar à Cruz dos Regados junta-se à *Ribeira de Trás (5d)*, transformando-se ambas na *Ribeira da Ponte*. Mercê da sua grande bacia hidrográfica, a *Ribeira da Ponte* torna-se numa das com maior caudal da ilha, correndo com grande impetuosidade.

6. RIBEIRA DAS DUAS (SÃO BARTOLOMEU)

Nasce na encosta sul da Serra de Santa Bárbara, a norte do Pico da Catarina Vieira. É também conhecida por *Ribeira do Salto*. Um dos seus troços divide atualmente as freguesias de São Bartolomeu e das Cinco Ribeiras.

7. RIBEIRA DO MOURO (CINCO RIBEIRAS)

Nasce na encosta sul da Serra de Santa Bárbara, acima do lugar da Ramada. Desagua na baía entre o Porto das Cinco e o Pilar da Costa. Ninguém parece saber a razão deste curioso nome.

8. RIBEIRA DAS CINCO (CINCO RIBEIRAS)

Nasce junto ao Pico da Catarina Vieira. Desagua na baía delimitada pelo Porto das Cinco e o Pilar da Costa.

9. RIBEIRA DA CANADA DA PRAIA (CINCO RIBEIRAS / SANTA BÁRBARA)

Tem esse nome porque no seu trajeto acompanha a Canada da Praia que antes continuava por onde hoje se chama Canada do Porto (às zonas de acesso ao mar chamava o povo habitualmente de *Praia*). Para montante é também conhecida por *Ribeira do Hospital* por passar por terras que pertenciam à Santa Casa da Misericórdia, entidade que geriu o hospital de Angra durante séculos. A montante tem como afluente a *Grota das Tronqueiras (9a)* que nasce perto do Pico do Talhão e liga a esta ribeira acima do Pico das Seis. Separa as freguesias de Cinco Ribeiras e Santa Bárbara na sua parte mais a sul, desaguando a oeste do Porto das Cinco.

10. RIBEIRA DO MANUEL VIEIRA (SANTA BÁRBARA)

Nasce junto ao lugar do Cerrado das Sete. Junta-se à *Ribeira da Canada da Praia* antes de desaguar.

11. RIBEIRA DAS SEIS (SANTA BÁRBARA)

Ribeira de pequena extensão e caudal cujos afluentes nascem junto ao Depósito, a meia encosta da Serra de Santa Bárbara. Beneficia da presença de uma antiga nascente, denominada de As Fontes, que era utilizada pela população. Junto à estrada regional recebe ainda água do afluente *Grota dos Fernandinhos (11a)*.

12. RIBEIRA DAS SETE (SANTA BÁRBARA)

Nasce na vertente sul da Serra de Santa Bárbara, sendo um dos seus afluentes a *Grota dos Cães (12a)* que nasce junto do Pico da Catarina Vieira.



O que resta da secular Grota de Santa Luzia.

13. RIBEIRA DAS OITO (SANTA BÁRBARA)

Provém de afluentes que se entrecruzam com o caminho de acesso à subida da Serra de Santa Bárbara.

14. GROTA DOS CARNEIRINHOS (SANTA BÁRBARA)

É um afluente da *Ribeira das Oito*, à qual se junta a faltar 800 m da costa. Raramente corre, mas há poucos anos, com umas fortes chuvadas que ocorreram na zona, correu de tal forma que provocou estragos, nomeadamente junto da estrada regional.

15. RIBEIRA DAS NOVE (SANTA BÁRBARA)

Nasce em afluentes nas imediações do Pico Negro, sendo um dos mais importantes a *Grota da Fenda (15a)*. Junto ao lugar de Nossa Senhora da Ajuda junta-se à *Ribeira de Oito* e, uns metros mais abaixo, juntam-se ambas à *Ribeira das Sete*, desaguando logo depois o caudal das três ribeiras no mar.

16. GROTA DO CARVÃO (SANTA BÁRBARA)

Nasce abaixo da estrada regional junto ao Largo 1º de Janeiro, onde está um posto de combustíveis.

17. RIBEIRA DAS DEZ

(SANTA BÁRBARA / DOZE RIBEIRAS)

Sem grandes afluentes, nasce na encosta sudoeste da Serra de Santa Bárbara. É esta ribeira que desde a serra até ao litoral que separa as freguesias de Santa Bárbara e das Doze Ribeiras.

18. RIBEIRA DAS ONZE (DOZE RIBEIRAS)

Nasce na encosta sudoeste da Serra de Santa Bárbara, de ambos os lados do Pico Pirão.

19. RIBEIRA DAS DOZE (DOZE RIBEIRAS)

Nasce na encosta sudoeste da Serra de Santa Bárbara, no lugar da Serra Alta das Doze.



Ribeira Bava, no lugar da Castelhana, onde está uma antiga ponte pouco conhecida

20. RIBEIRA GRANDE (DOZE RIBEIRAS)

Também conhecida como *Ribeira Larga*, recebe água das *Grotas Fundas (20a)* que começam no lugar chamado Serra Alta das Doze, flanco oeste da Serra de Santa Bárbara. Junta-se com a *Ribeira das Doze* a menos de 1 km de chegar ao mar.

21. RIBEIRINHA (DOZE RIBEIRAS)

Nasce na encosta oeste da Serra de Santa Bárbara, um dos braços acima da Fonte Nova e o outro na Serra Alta das Doze. Também conhecida como *Ribeira Pequena*.

22. RIBEIRA DAS CATORZE (DOZE RIBEIRAS / SERRETA)

Serve de fronteira entre a Freguesia das Doze Ribeiras e a Freguesia da Serreta.

23. GROTA DO DINIS (SERRETA)

Nasce acima da Estrada Regional entre a Canada da Vassoura e a Canada do Tio Manuel Agostinho.

24. GROTA DO ALFREDO (SERRETA)

Passa a sul do Pico da Serreta e começa abaixo do Caminho das Fontes.

25. RIBEIRA DO GATO (SERRETA)

Nasce junto à uma das aberturas da Mina Pequena, na Serra de Santa Bárbara, juntando-se a jusante a *Grota da Cantaria (25a)*. Passa a norte do Pico da Serreta. A pequenina *Grota do Vieira (25b)* acima da Estrada Regional junta-se à *Grota da Margarida (25c)* e esta, pouco antes de se precipitar no mar, junta-se à *Ribeira do Gato*.

26. RIBEIRA DE ALÉM (SERRETA)

Nasce no alto da Serra de Santa Bárbara e passa junto à entrada da Mina Grande, na Serra de Santa Bárbara. Na zona do Pico Negrão, entre os 450 m e os 700 m de altitude, a *Ribeira de Além* e o seu principal afluente a *Grota do Negrão (26a)*, apresentam os mais profundos vales de ribeira da ilha, escavados pela água num depósito pomítico de muitos metros de altura.

27. RIBEIRA DAS LAPAS (SERRETA)

Nasce em grotas acima do Pico da Lagoinha, na encosta noroeste da Serra de Santa Bárbara.

28. RIBEIRA DO VEIGA (RAMINHO)

É também conhecida por *Ribeira do Cabo do Raminho* ou *Grota do Cabo do Raminho*.

29. RIBEIRA DO BORGES (RAMINHO)

Desagua perto da Ponta das Cavalas.

30. RIBEIRA DE FRANCISCO VIEIRA (RAMINHO)

Também conhecida como *Grota de Francisco Vieira*.

31. GROTA DO TRANCÃO (RAMINHO)

Pequena grota que desagua na Baía da Ataloza.

32. GROTA DOS FOLHADAIS (RAMINHO)

Nasce na Vereda Pia acima da nascente Gil Correia e um pouco abaixo do Pico Rachado. Também chamada de *Grota dos Filhadais* (certamente uma corruptela de "Folhadais") e antigamente de *Ribeira dos Dois Moios*. Tem como afluentes a *Grota do Vicente (31a)* e a *Grota do Barreiro (31b)*.

33. RIBEIRA DOS GATOS (ALTARES)

Nasce na encosta norte da Serra de Santa Bárbara, a oeste do Pico Rachado.

34. RIBEIRA DE SÃO ROQUE (ALTARES)

Nasce no lugar da Vala do Conde, no Pico do Aguilhão. Recebe água do afluente *Ribeira das Lajinhas (34a)* que se liga a esta junto à igreja. A montante, na encosta do Pico Redondo, recebe água de vários afluentes, um dos quais é a *Grota das Covas (34b)*.

35. RIBEIRA DA LUZ (ALTARES)

Nasce perto do Pico da Cafua e do Pico dos Pachecos. Vai desaguar na Baía da Furna, a leste do Pico Matias Simão.

36. RIBEIRA DA LAPA (ALTARES)

Nasce no lugar da Cal Pedra, num afluente chamado *Grota dos Pinheiros (36a)* que descarrega na *Grota da Canada de Rebolde (36b)*. A montante das lagoas artificiais da Queimada de Baixo, junta-se ainda a esta ribeira o afluente *Ribeira dos Chiqueirinhos (36c)*.

37. RIBEIRA DO PAMPLONA (ALTARES / BISCOITOS)

Separa a jusante a freguesia dos Altares da dos



Ribeira da Areia numa zona ajardinada.

Biscoitos. Advém-lhe a designação por Gonçalo Álvares Pamplona ter as suas terras de morgadio delimitadas por esta ribeira que ainda hoje conserva o seu nome e dos seus descendentes: *Ribeira dos Pamplonas*. Tem a montante como um dos principais afluentes a *Grota do Tamujal* (37a).

38. GROTA DO CHAMBRE E GROTA DOS CANIÇOS

A *Grota do Chambre* (38a) e a *Grota dos Caniços* (38b) são duas grotas a sul do Juncal que, entretanto, viram o seu percurso interrompido devido às lavas da erupção histórica de 1761.

39. GROTAS DO JUNCALINHO (BISCOITOS)

Tal como a *Ribeira do Azinhal*, estas grotas eram afluentes da *Ribeira da Chamusca*, mas viram o seu percurso interrompido devido à erupção de 1761, convergem agora para uma depressão conhecida por Cova das Criptomérias, que fica inundada após períodos de chuva mais intensos, por onde passam aqueles que fazem o percurso pedestre PRC06TER.

40. RIBEIRA DO AZINHAL (BISCOITOS)

É também conhecida por *Ribeira do Vale do Azinhal*. Com a erupção de 1761 uma corrente de lava formou um dique que bloqueou a sua passagem, tendo surgido na sua parte mais baixa a denominada Lagoa do Narião, no lugar do Curral do Vimieiro, para onde confluía a *Grota do Narião* e outras linhas de água que provém do Pico das Pardelas e do Vale do Azinhal. Essa lagoa beneficiava também das águas da Fonte do Vimieiro, uma nascente que foi, entretanto, canalizada. Com o tempo, os detritos arrastados pelas águas foram assoreando a lagoa, ao ponto de terem sido plantados frondoso plátanos no local. No entanto, quando chove, o Curral do Vimieiro volta a encher-se criando um belo espelho de água entre os troncos das árvores.

41. RIBEIRA DA CHAMUSCA (BISCOITOS)

É possível que até ocorrer a erupção de 1761

fosse denominada de *Ribeira do Azinhal*, quando ainda recebia as águas que vinham do *Vale do Azinhal* e das *Grotas do Juncalinho*, entretanto bloqueadas pela corrente de lava desta erupção. Terá sido então que o troço a jusante, que passou a começar junto destas terras *chamuscadas* pela corrente lávica, tenha sido batizado de *Ribeira da Chamusca*. Tendo perdido nessa altura o grande caudal que vinha da serra, tornou-se numa pequena grota, com pouca expressão. No passado terá corrido no seu leito águas termais fortemente mineralizadas, que fossilizaram folhas e pequenos ramos que se encontravam depositado em pequenas bacias naturais de retenção, sendo o melhor exemplo disso o interior da Gruta da Branca Opala.

42. GROTA DO SOMBREIRO E GROTA DO SANGUINHAL

A *Grota do Sombreiro* (42a) e a *Grota do Sanguinhal* (42b) são duas das linhas de água que escorriam outrora para a Lagoa do Sanguinhal. As arroteias na envolvência acabaram por interromper o fluxo de água que seguia para a lagoa e aceleraram o processo de assoreamento, transformando-a numa grande turfeira.

43. RIBEIRA GRANDE (QUATRO RIBEIRAS)

Nasce na Serra do Labaçal. Nos primórdios do povoamento era conhecida por *Ribeira Grande de Santa Beatriz*. De caudal mais duradouro, fez funcionar moinhos a jusante da estrada regional, pelo que também era conhecida como *Ribeira dos Moinhos*: "Os três moinhos das Quatro Ribeiras, ainda que de pouca substância pela pouca água que tem, contudo moem em todo o ano."⁵⁵ Junta-se à *Ribeira Pequena* antes de desaguar na zona balnear da freguesia. É abastecida por dois

55 MALDONADO, Manuel (1999) – *Fenix Angrence*, vol. III, p. 292.



Tradicionalmente, como se vê na Ribeira da Ponte, os caminhos estabeleciam-se acompanhando as ribeiras.

grandes afluentes: a *Ribeira do Urzal (43a)* e a *Ribeira da Fonte do Almeida (43b)*.

Drummond refere que nas Quatro Ribeiras existiam “as *Ribeiras dos Flamengos*”, uma referência única que não encontrei em nenhum outro lugar, e que esse nome teria advindo da fixação neste local de povoadores proveniente da Flandres, segundo alguns Fernão Dulmo, segundo outros Guilherme da Silveira.⁵⁶

44. RIBEIRA PEQUENA (QUATRO RIBEIRAS)

Nasce na Serra do Labaçal. Corre num vale bastante cavado, a oriente da igreja e junta-se à anterior na zona balnear da freguesia.

45. RIBEIRA SECA (QUATRO RIBEIRAS)

Nasce na Serra do Labaçal.

46. GROTA DA ALAGOA (AGUALVA)

Recebe a água que brota em diversos locais dos taludes onde está encaixada. Era esta grotta que servia de acesso a uma fajã detrítica de preenchimento conhecida por Alagoa, razão pelo qual era denominada de Canada da Alagoa. “Pegado com o mar está uma alagoa, de quantidade de meio moio de terra, feita a modo de arco [...]; corre por ela uma fresca fonte de água, que faz uma ribeira, cheia quase toda de terra muito fértil, cercada de rocha mui alta, em que fizeram um caminho por que desce gado abaixo.”⁵⁷

47. RIBEIRA DA AGUALVA (AGUALVA / VILA NOVA)

É uma das ribeiras de maior caudal de enxurrada

da ilha, responsável em dezembro de 1962 pela morte de pessoas e mais recentemente, em 2009, por grandes estragos e perda de bens. Mantém também um caudal permanente devido a um conjunto de nascentes na zona que faziam trabalhar vários moinhos: “Há nesta freguesia muitas águas de fontes e ribeiras e nela estão oito moinhos que servem a Vila da Praia e a todos os moradores que vivem em toda esta comarca da dita vila da Praia até este lugar.”⁵⁸ Por essa razão o troço a montante da igreja é conhecido por *Ribeira dos Moinhos*.

Recebe água da *Ribeira do Brincadouro (47a)*, da *Grota do Pau Grosso (47b)* e da *Ribeira do Sabão (47c)* onde hoje estão várias nascentes captadas para consumo público. A água das nascentes da *Ribeira do Sabão*, segundo Frutuoso “faz a roupa tão alva como se fosse lavada com sabão”,⁵⁹ daí a origem do nome.

Refere ainda este autor do século XVI: “Neste lugar, acima dos moinhos, está [...] uma fonte que converte o pau em pedra estando por espaço de um ano nela, como da mesma fonte se pode ver em um pau que nela está caído, que toda a parte que está dentro na água está feita pedra rija e a que está fora está pau, como realmente o é [...] e isto foi visto por alguns homens ilustres, como foi o bispo Dom Gaspar de Faria e o bispo Dom Pedro de Castilho, e outros muitos, e o pau que está feito pedra se tira em pedras delgadas, como se fossem côdeas ou cascas.”⁶⁰ Essa capacidade de converter madeira em pedra, encontra nova referência mais esclarecidas nas palavras de Diogo das Chagas: “[...], aonde está uma fonte [...] que se diz se converte o pau em pedra, na qual eu fiz a experiência indo a ver, por ter esta notícia dela, e meti um bordão que levava, e fincado em suas águas o deixei estar o tempo que ali estive que seria espaço de uma hora, e tirando o achei que todo o pau que estava debaixo da água, saiu coberto de uma ferrugemzinha que parece pedra, e não duvido que se estivesse muito tempo, que se ajuntasse e acumulasse tanta que cobrisse o pau, que nada dele aparecesse e ficasse como de coração a ferrugem feita pedra, e daqui viesse o dito que a água desta fonte converte o pau em pedra.”⁶¹ Percebemos então que a água destas nascentes eram ricas em solutos ferrosos dissolvidos, que se precipitavam em contacto com determinadas superfícies. Este relato, de um processo que é comum em várias ilhas dos Açores, só é relevante pelo exagero com que são reportados.

48. RIBEIRA DAS PEDRAS (AGUALVA / VILA NOVA)

Recebe água da *Ribeira do Outeiro do Filipe (48a)* (ou *Ribeira do Outeiro*) que nasce no Pico Rachado da Agualva e que junto às casas na Portela é conhecida por *Ribeira dos Porcos*, *Ribeira da Ventura* ou *Grota dos Leitões*. Recebe ainda água da *Ribeira das Fajãs (48b)* referida erradamente nalguma cartografia como *Ribeira dos Faias*, conhecida também por *Ribeira da Quinta (da Mada-*

56 DRUMMOND, Francisco Ferreira (1981) – *Anais da ilha Terceira*, I vol., p. 10.

57 FRUTUOSO, Gaspar (2005) – *Saudades da Terra*, vol. VI, p. 18.

58 FRUTUOSO, Gaspar (2005) – *Saudades da Terra*, vol. VI, p. 18.

59 FRUTUOSO, Gaspar (2005) – *Saudades da Terra*, vol. VI, p. 19.

60 FRUTUOSO, Gaspar (2005) – *Saudades da Terra*, vol. VI, p. 19.

61 CHAGAS, Diogo das (1989) – *Espelho cristalino em Jardim de Várias Flores*, pp. 237-238.

lena) que nasce no Cabouco Escuro; e da *Ribeira dos São Joões* (48c) que nasce numa grota a norte do Pico do Boi onde brotam várias nascentes hoje todas aproveitadas. Há ainda um conjunto de grotas desta ribeira que receberam nomes, caso da: *Grota do Galinheiro* (48d), *Grota do Salto do Pereira* (48e), *Grota da Costaneira* (48f) ou *Grota Larga* (48g).

49. RIBEIRA DA AREIA

(PORTO JUDEU / SÃO SEBASTIÃO / AGUALVA / SÃO BRÁS / VILA NOVA / LAJES)

É uma das ribeiras mais extensa da ilha. Um troço desta ribeira, depois de passar pelo Campo de Golfe, é chamado de *Ribeira do Tenente*. Na sua parte mais a montante esta ribeira divide os concelhos da Praia da Vitória e de Angra do Heroísmo. Dentro da Caldeira do Guilherme Moniz recebe água dos afluentes *Grota das Bagacinas* (49a), *Caneiro da Grota* (49b), *Grota do Rachado* (49c) e da *Ribeira do Cabrito* (49d) que por sua vez é abastecida pelas *Grotas de Água* (49e), *Grota dos Negros* (49f) e *Grota dos Morangos* (49g). Na sua parte mais a jusante separa as freguesias da Vila Nova e das Lajes. Desagua na Baía da Areíña. É de pouco caudal, como já o era no século XVI: “Esta freguesia de Agualva parte com a de São Miguel das Lagens por uma ribeira seca, que se chama da Areia [...]”⁶²

50. RIBEIRA DOS PÃES

(FONTINHAS / S. BRÁS / LAJES)

Foi também chamada de *Ribeira da Fontinha* por passar no lugar da Fontinha, Freguesia das Fontinhas. Recebe água do afluente *Grota do Pau Branco* (50a) e da *Grota da Canada Funda* (50b). Esta ribeira foi usada para aceder à Caldeira das Lajes antes de haver o caminho atual, como o demonstram os degraus escavados no leito rochoso, que ajudavam a ultrapassar alguns declives mais acentuados. Esta ribeira desembocava na Canada da Ribeira, onde a pouca água que escorre desaparece numa zona de detritos antes de chegar ao mar.

51. RIBEIRA DO ESGOTO (LAJES)

Tem o seu início no Graben das Lajes, junto à Serra de Santiago, seguindo para norte até à Caldeira das Lajes. Recebia águas provavelmente da *Ribeira do Marquês* e de outras grotas. Com a construção do aeroporto foi parcialmente coberta, funcionando como uma conduta da rede de drenagem de águas do aeroporto, principalmente das pluviais que caem na pista. É também conhecida por *Grota da Pista* e *Ribeira dos Americanos*. Nos últimos 1300 metros do seu percurso corre ainda no seu leito natural.

52 RIBEIRA DO CRUZEIRO VELHO (FONTINHAS)

Também conhecida apenas como *Ribeira do Cruzeiro*. Tem como afluente a *Ribeira de Santo An-*



União da Ribeira das Lajinhas com a Ribeira de S. Roque, nos Altares.

tónio (52a) que se junta a esta logo depois de cruzarem a estrada principal da Freguesia das Fontinhas. Desaparece antes de chegar à via rápida. Tem como afluente a *Grota da Ladeira da Pena* (52b).

53. RIBEIRA DO MARQUES (FONTINHAS / LAJES)

Permanecem dúvidas se o nome inicial não seria *Ribeira do Marquês*, tal como outra assim denominada na Vila de S. Sebastião onde o Marquês de Torres Novas tinha o privilégio do exclusivo sobre os moendas que existiam na *Ribeira de Frei João*. Sendo o nome de “Marques” pouco comum antigamente, quem sabe se este Marquês não terá tido terras também por aqui. É uma das ribeiras que viram o seu percurso natural interrompido devido à atividade humana: agricultura, construção de vias e construção do Aeroporto das Lajes. Primitivamente deveria correr até à Caldeira das Lajes mas hoje as suas águas perdem-se nas terras agrícolas ou, quando em excesso, são desviadas para redes públicas de drenagem.

54. RIBEIRA DE SANTO ANTÃO

(FONTINHAS / SANTA CRUZ)

Desde muito cedo que esta ribeira foi assim conhecida em virtude da edificação no local da Ermida de Santo Antão, desaparecida há vários séculos. Já era assim chamada por meados do séc. XVII.⁶³ Vem pelo centro da Casa da Ribeira onde se reúnem várias grotas, e segue em direção ao Belo Jardim onde desagua a um quilómetro do Largo da Batalha. Recebe água dos afluentes *Ribeira do Loural* (54a), *Ribeira das Beiras* (54b) e da *Ribeira da Ponte* (54c) que por sua vez recebe água da *Grota das Funduras* (54d) e da *Ribeira do Caminho Velho* (54e) conhecida no passado

62 FRUTUOSO, Gaspar (2005) – *Saudades da Terra*, vol. VI, p. 19.

63 MELO, Paulo de Ávila de (1994) – *Ruas e Lugares da Praya (Nota para a sua história)*. I Volume. Câmara Municipal da Praia da Vitória. pp. 45-46.

por *Ribeira dos Lagos*. A *Ribeira do Caminho Velho* tem por afluente a *Grota dos Cedros* (54f). Um provável afluente desta ribeira era a *Ribeira dos Cachopos*, que não conseguimos identificar.⁶⁴

Nos taludes da *Ribeira das Beiras* existe um conjunto muito significativo e importante de nascentes, desde há muito captadas para consumo público. Hoje existem as tubagens subterrâneas convencionais, mas ainda é possível ver, perdidas entre a vegetação do lado direito de quem sobe a ribeira, uma calhas talhadas em pedra que serviam de levada para a água. Sem perceber para onde era destinada essa água, perguntámos no centro da Casa da Ribeira a um senhor idoso que nos disse que a água vinha alimentar umas pias na ribeira, junto às casas, onde a população lavava a roupa e usava para outros fins. A pergunta lógica era: porque não deixar a água correr ribeira abaixo até às pias? E a razão é que, como aliás observámos, a água hoje infiltra-se no leito desaparecendo em profundidade. Trata-se do único caso que conhecemos em que uma levada artificial servia para retirar água de uma ribeira ao qual voltava cerca de 200 m mais abaixo.

55. GROTAS DOS PAUIS (SANTA CRUZ)

Cerca de vinte grotas na encosta sudoeste da Serra do Cume, que escorrem e encharcam as pastagens dos Cinco Picos, formam na época das chuvas dezenas de charcos na base da serra. O mais conhecido destes charcos é a temporária Lagoa do Junco que surge no Paul das Vacas.

56. RIBEIRA DO BELO JARDIM (SANTA CRUZ)

Recebe água dos afluentes *Ribeira da Mula* (56a), *Grota do Covão* (56b), *Ribeira das Carvalhas* (56c), *Grota dos Outeiros* (ou *Ribeira do Outeiro*) (56d) e *Ribeira do Girão* (56e). Já perto de desaguar na Praia da Riviera junta-se-lhe ainda a *Ribeira dos Leais* também conhecida por *Ribeira do Pico das Favas* (56f).

É conhecida por *Ribeira de São Caetano* a parte da *Ribeira do Belo Jardim* que passa junto ao Largo de São Caetano.

57. RIBEIRA DE SANTA CATARINA

(FONTE DO BASTARDO / CABO DA PRAIA)

O troço da *Ribeira de Santa Catarina* compreendido entre a Canada da Ribeira e o Caminho do Barreiro é conhecido por *Ribeira dos Barbeiros* (57a). A *Ribeira de Santa Catarina* recebe água dos afluentes *Ribeira dos Azevinhos* (57b) conhecida a montante por *Ribeira dos Soares*, *Ribeira das Beiras* (57c) conhecida a montante por *As Fontes*, *Ribeira do Basílio* ou *Ribeira da Bica*, que

por sua vez recebe água da *Grota dos Soares* (57d). Desagua junto ao Porto Comercial da Praia da Vitória. Um dos seus principais afluentes é a *Ribeira dos Lagos* (57e) que passa pelo centro da freguesia da Fonte do Bastardo.

58. RIBEIRA DOS SOUSAS (FONTE DO BASTARDO)

Nasce junto ao Pico do Martim, mas desaparece abaixo da Estrada Regional. No passado devia desaguar entre a Ponta de S. Fernando e os Salgueiros. É referido ainda que a Fonte do Bastardo é atravessada pela *Ribeira do Feto*, afluente que não conseguimos identificar.⁶⁵

59. RIBEIRA SECA

(FONTE DO BASTARDO / SÃO SEBASTIÃO)

Nasce na encosta da Serra do Cume, acima do lugar da Roda Grande. Recebe água do afluente *Ribeira do Caminho do Barreiro* (59a). Desagua no lugar do Porto Novo onde hoje se encontra a Zona Balnear dos Salgueiros. É uma das primeiras ribeiras a ser referidas pelos cronistas, na separação das capitânias de Angra e Praia, tendo Gaspar Frutuoso referido “que somente é de enchentes”. Refere ainda Sampaio, talvez com um pouco de exagero, que: “por vezes se torna caudalosa, na época das grandes chuvas”.⁶⁶ Hoje parece lógico que terá sido chamada de *Ribeira Seca* por ser muito parca em águas, como hoje se vê, o que não deixa de ser curioso porque o nome vem do início do povoamento, quando ainda corriam as nascentes que hoje estão captadas. O profundo vale a jusante não pode também ser explicado apenas com origem em processos erosivos.

60. RIBEIRA DO FREI JOÃO (SÃO SEBASTIÃO)

Tem origem em nascentes que brotam dentro da Vila de São Sebastião, embora a partir de meados de século XIX tenha sofrido uma recarga com as águas que da Furna do Cabrito foram desviadas para S. Sebastião. É também conhecida por *Ribeira dos Moinhos*. É referido por Drummond que “a primeira água que acharam os nossos povoadores foi na Ribeira de Frei João”. Durante um período da história esta ribeira foi conduzida e dividida, a fim de responder a uma função *sui-generis*: regar terras agrícolas na zona do Arrabalde.

61. REGO DA PONTA (SÃO SEBASTIÃO)

Vem de perto do centro da Vila de São Sebastião desaguar na Baía das Mós. Também chamado de *Grota da Ponta*.

62. GROTA DO VALE (SÃO SEBASTIÃO)

Pequena linha de água, hoje sem expressão, que vinha desaguar na Baía da Salga.

63. RIBEIRA DO TESTO

(SÃO SEBASTIÃO / PORTO JUDEU)

É conhecida a montante por *Ribeira do Cabide*,

64 SAMPAIO, Alfredo da Silva (1904) – *Memória sobre a Ilha Terceira*, p. 288.

65 SAMPAIO, Alfredo da Silva (1904) – *Memória sobre a Ilha Terceira*, p. 280.

66 SAMPAIO, Alfredo da Silva (1904) – *Memória sobre a Ilha Terceira*, p. 279.

local onde hoje começa. Mas é provável que recebesse águas de bem mais longe, dos lados do Pico do Vime, que eram conduzida até ao Cabi-de. Por deturpação da forma como é pronunciada surge por vezes escrita como *Ribeira do Texto* ou *Ribeira do Toste*. A pedra dessa ribeira era muito apetecível para uso na construção. Entre os vários edifícios em que foi utilizada a cantaria que saiu desta ribeira, estão os arranjos que em 1841 se realizaram na Sé Catedral.⁶⁷

64. GROTA DO TAPETE (PORTO JUDEU)

Nasce junto ao Pico da D. Joana e desagua a cerca de 500 m para leste do porto do Porto Judeu. Era também conhecida simplesmente por *Ribeira*.

65. GROTA DO MESTRE JOÃO (RIBEIRINHA)

Nasce na Serra da Ribeirinha, no lugar do Barro Vermelho, atravessa a Ladeira Grande e vai desaguar na Baía da Tumba. É também conhecida por *Ribeira do Galhardo* por passar pelo Outeiro do Galhardo.

66. GROTA FUNDA (RIBEIRINHA)

Grota hoje de pequena extensão, em consequência do seu trajeto inicial ter sido interrompido por vários caminhos e consequentes desvios da água. Desagua na Baía da Tumba.

67. REGO DE ÁGUA (PORTO JUDEU / SÃO BENTO)

No passado recebia águas que chegavam em maior quantidade vindas das encostas do Espigão Barreiro e das pastagens do Juncalinho, na Fajã do Meio, junto da Caldeira do Guilherme Moniz, conduzindo-as para sul pela Passagem das Bestas. Ia desaguar na antiga *Lagoa da Achada*, no Biscoito da Achada (São Bento) onde hoje se encontra uma pastagem que nalguns invernos mais chuvosos enche completamente de água.

68. RIBEIRA DE SANTO AMARO (RIBEIRINHA)

Também chamada de *Ribeirinha*, vai desaguar na Baía de Santo Amaro. Há quem a tenha chamado de *Ribeira do Gato*⁶⁸ e *Ribeira dos Espanhóis* a um dos seus troços que não conseguimos descortinar qual possa ser. É a ribeira que acompanha o caminho da freguesia de Ribeirinha que sobe até à serra.

69. GROTA DA CHOURIÇA (RIBEIRINHA)

Junta-se à Ribeira de Santo Amaro junto à costa, antes de desaguardem.

70. GROTA DO VALE (SÃO BENTO)

Com afluentes na Serra da Ribeirinha, a *Grota do Vale* salta a escarpa de falha das Faias perto do Estádio João Paulo II, local onde integrava o antigo atalho entre o lugar da Fonte na freguesia da Ribeirinha e a igreja de São Bento. Na sua parte mais a jusante separa as freguesias de São Bento e Ribeirinha. Devido à intensa atividade agrícola na sua bacia hidrográfica hoje é insignifican-

te o volume de água que escorre anualmente no seu leito.

71. RIBEIRA DE SÃO BENTO (SÃO BENTO / SANTA LUZIA / N. SRA. DA CONCEIÇÃO)

A *Ribeira de São Bento* nasce nos Arrodeios, Serra do Morião, sendo um dos afluentes conhecido por *Grota dos Arrodeios* (71a). O troço que passa em Vale de Linhares era conhecido por *Ribeira de Vale de Linhares*. Recebe água de afluentes como a *Grota dos Calrinhos* (71b) que nasce do lado direito do Cruzeiro da Serra do Morião, passa junto à fábrica da Pronicol e à pedreira, ligando-se à *Ribeira de São Bento* junto ao Cemitério do Livramento. Outro afluente importante é a *Grota do Venial* (71c) que nasce do lado esquerdo do mesmo Cruzeiro e junta-se à *Grota dos Calrinhos* no lugar dos Copins. Tudo indica que houve um desvio do curso natural desta grota que, segundo parece, antes deveria continuar de forma independente até ao Largo de São Bento e só aí se juntar à *Ribeira de São Bento*. Em 1843 é referido que “se há de arrematar em foro perpétuo uma parte da Grota dos Capuchos, que contém 15 braças de comprimento e duas de largura [33,0 x 4,4 m]”.⁶⁹ Esta *Grota dos Capuchos* era um troço da *Ribeira de São Bento* que passava ou atrás do convento de Santo António dos Capuchos, ou à frente do mesmo convento e que achamos ter sido este troço que foi sujeito ao mencionado desvio.

No séc. XV Álvaro Martins Homem desviou para o centro de Angra as águas da *Grota do Venial*, construindo para o efeito um canal artificial a que deram depois o nome de *Ribeira dos Moinhos*.⁷⁰ Depois que a *Ribeira dos Moinhos* perdeu a sua função e foi desativada a água foi reposta na *Ribeira de São Bento*. Obras hidráulicas recentes artificializaram parte significativa do leito da *Grota do Venial*, quer a poente do Cemitério da Conceição, quer junto à Casa de Saúde de São Rafael.

OUTRAS LINHAS DE ÁGUA NÃO ENCONTRADAS:

Ribeira de D. Inácio - em frente à quinta que foi do brigadeiro D. Inácio.⁷¹

Ribeira dos Vimes e Ribeira da Lagoinha - freguesia dos Altares.

Ribeira do Arco - freguesia das Lajes.⁷²

Grota dos Pachecos - Afluente da Ribeira das Pedras.⁷³

67 Jornal *O Angrense* de 27 de maio de 1841.

68 SAMPAIO, Alfredo da Silva (1904) – *Memória sobre a Ilha Terceira*, p. 271.

69 Jornal *O Angrense* de 26 de outubro de 1843.

70 BARCELOS, Paulo J. M. (2012) – *Ribeira dos Moinhos, a ribeira que a baixa de Angra nunca viu*. Atlântida, vol. 57, pp. 199-218.

71 Jornal *O Angrense* de 31 de agosto e 12 de outubro de 1848.

72 Jornal *A Ideia Nova* de 7 de fevereiro de 1878.

73 SAMPAIO, Alfredo da Silva (1904) – *Memória sobre a Ilha Terceira*, p. 298.



LEGENDA DO MAPA

1	Ribeira da Miragaia	25	Ribeira do Gato	44	Ribeira Pequena	54	Grota das Funduras
2	Grota de Santa Luzia	25A	Grota da Cantaria	45	Ribeira Seca	54E	Ribeira do Caminho Velho
3	Ribeira do Pico da Urze	25B	Grota do Vieira	46	Grota da Alagoa	54F	Grota dos Cedros
4	Ribeira do Posto Santo	25C	Grota da Margarida	47	Ribeira da Agualva	55	Grota dos Pauls
4A	Grota dos Tabuleiros	26	Ribeira de Além	47A	Ribeira do Brincadouro	56	Ribeira do Belo Jardim
4B	Grota de Moçambique	26A	Grota do Negrão	47B	Grota do Pau Grosso	56A	Ribeira da Mula
4C	Grota do Medo	27	Ribeira das Lapas	47C	Ribeira do Sabão	56B	Grota do Covão
5	Ribeira da Ponte	28	Ribeira do Veiga	48	Ribeira das Pedras	56C	Ribeira das Carvalhas
5A	Grotas da Fajã (da Madeira)	29	Ribeira do Borges	48A	Ribeira do Outeiro do Filipe	56D	Grota dos Outeiros
5B	Grota da Cova dos Reguinhos	30	Ribeira de Francisco Vieira	48B	Ribeira das Fajãs	56E	Ribeira do Girão
5C	Ribeira de Trás	31	Grota do Trancão	48C	Ribeira de São Joões	56F	Ribeira dos Leais
6	Ribeira das Duas	32	Grota dos Folhadais	48D	Grota do Galinheiro	57	Ribeira de Santa Catarina
7	Ribeira do Mouro	32A	Grota de Vicente	48E	Grota do Salto do Pereira	57A	Ribeira dos Barbeiros
8	Ribeira das Cinco	32B	Grota do Barreiro	48F	Grota da Costaneira	57B	Ribeira dos Azevinhos
9	Ribeira da Canada da Praia	33	Ribeira dos Gatos	48G	Grota Larga	57C	Ribeira das Beiras
9A	Grota das Tronqueiras	34	Ribeira de São Roque	49	Ribeira da Areia	57D	Grota dos Soares
10	Ribeira do Manuel Vieira	34A	Ribeira das Lajinhas	49A	Grota das Bagacinas	57E	Ribeira dos Lagos
11	Ribeira das Seis	34B	Grota das Covas	49B	Caneiro da Grota	58	Ribeira dos Sousas
11A	Grota dos Ferdinandinhos	35	Ribeira da Luz	49C	Grota do Rachado	59	Ribeira Seca
12	Ribeira das Sete	36	Ribeira da Lapa	49D	Ribeira do Cabrito	59A	Ribeira do Caminho do Barreiro
12A	Grota dos Cães	36A	Grota dos Pinheiros	49E	Grotas d'Água	60	Ribeira do Frei João
13	Ribeira das Oito	36B	Grota da Canada do Rebolde	49F	Grota dos Negros	61	Rego da Ponta
14	Grota dos Carneirinhos	36C	Ribeira dos Chiqueirinhos	49G	Grota dos Morangos	62	Grota do Vale
15	Ribeira das Nove	37	Ribeira do Pamplona	50	Ribeira dos Pães	63	Ribeira do Teste
15A	Grota da Fenda	37A	Grota do Tamujal	50A	Grota do Pau Branco	64	Grota do Tapete
16	Grota do Carvão	38A	Grota do Chamebre	51	Ribeira do Esgoto	65	Grota do Mestre João
17	Ribeira das Dez	38B	Grota dos Caniços	52	Ribeira do Cruzeiro Velho	66	Grota Funda
18	Ribeira das Onze	39	Grotas do Juncalinho	52A	Ribeira de Santo António	67	Rego de Água
19	Ribeira das Doze	40	Ribeira do Azinhal	52B	Grota da Canada Funda	68	Ribeira de Santo Amaro
20	Ribeira Grande	41	Ribeira da Chamusca	52B	Grota da Ladeira da Pena	69	Grota da Chouriça
20A	Grotas Fundas	42A	Grota do Sombreiro	53	Ribeira do Marques	70	Grota do Vale
21	Ribeirinha	42B	Grota do Sanguinhal	54	Ribeira de Santo Antão	71	Ribeira de São Bento
22	Ribeira das Catorze	43	Ribeira Grande	54A	Ribeira do Loural	71A	Grota dos Arrodeios
23	Grota do Dinis	43A	Ribeira do Urzal	54B	Ribeira das Beiras	71B	Grota dos Calrinhos
24	Grota do Alfredo	43B	Ribeira da Fonte do Almeida	54C	Ribeira da Ponte	71C	Grota do Venial